

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS

CAMILA AMANDA ROSSONI

**“QUANDO QUIS TIRAR A MÁSCARA ESTAVA PEGADA À CARA”. UMA  
LEITURA DA POÉTICA DO *DESASSOSSEGO* EM FERNANDO PESSOA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2018

CAMILA AMANDA ROSSONI

**“QUANDO QUIS TIRAR A MÁSCARA ESTAVA PEGADA À CARA”. UMA  
LEITURA DA POÉTICA DO *DESASSOSSEGO* EM FERNANDO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Interartes.

Orientadora: Profa. Dra. Mariese Ribas Stankiewicz.

PATO BRANCO

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



## DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

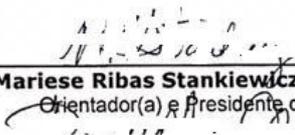
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

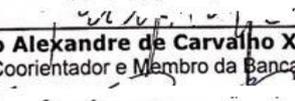
Autor (a): **Camila Amanda Rossoni**

Título: "Quando quis tirar a máscara estava pegada à cara": uma leitura da poética do Desassossego em Fernando Pessoa

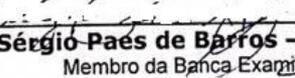
Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 05/12/18, pela comissão julgadora:

  
Prof.ª **Dra. Mariese Ribas Stankiewicz** – UTFPR Pato Branco

Orientador(a) e Presidente da Banca

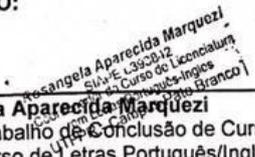
  
Prof. Dr. **Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier** – UTFPR Pato Branco

Coorientador e Membro da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. **Sérgio Paes de Barros** – UTFPR Pato Branco

Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

  
Prof.ª **Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A folha de aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso.

Fernando Pessoa, sua poética me *desassossejou*.  
E eu, não saberei viver sem lê-la. Mesmo que eu  
saiba que suas máscaras nunca irão cair.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço especialmente ao meu orientador, professor Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier, por apresentar-me o desassossego que é estudar Fernando Pessoa. Por guiar-me em todo esse percurso e confiar nesta pesquisa compartilhando seus preciosos conhecimentos, sempre disposto a sanar minhas dúvidas e a orientar-me pelo melhor caminho. Sem você este trabalho não se tornaria real.

À professora Dra. Mariese Ribas Stankiewicz e ao professor Dr. Sergio Paes de Barros, por aceitarem participar de minha banca e contribuir com esta pesquisa por meio de seus valerosos conhecimentos.

Aos meus amigos e familiares que me incentivaram e de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa se realizasse.

Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma (PESSOA, 2016, p. 365).

## RESUMO

ROSSONI, Camila Amanda. “Quando quis tirar a máscara estava pegada à cara”. **Uma leitura da poética do *Desassossego* em Fernando Pessoa**. 61 f. TCC (Curso de Licenciatura em Letras), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

A poética de Fernando Pessoa ultrapassou os limites entre a realidade e a ficção. Diante de suas 136 máscaras, Bernardo Soares é seu semi-heterônimo e detém a maior parte da autoria do *Livro do Desassossego* (2016). Em vista disso, neste trabalho se buscou investigar os plausíveis motivos para o título de “drama em gente” que Pessoa dispõe e em como essa ficção se revela em seu semi-heterônimo por meio do *Livro*. O conceito de heteronímia foi fundamental para esta pesquisa, bem como o de ortônimo, heterônimo e semi-heterônimo. A problemática autoral do *Livro* também foi explorada, conjuntamente com sua estrutura textual fragmentária, o que o configura um não-livro. Para isso, alguns dos teóricos e críticos abordados foram: Lourenço (1981) e (2015), Pizarro (2012), (2015) e (2016), Blanchot (2016), Merquior (1989), Moisés (1982). O conjunto de textos de Fernando Pessoa sobre sua transfiguração: o livro *Teoria da Heteronímia* (2016), também se fez indispensável. Desse modo, viabilizamos uma aproximação entre seis textos autorreflexivos de Fernando Pessoa contrapondo com quatro fragmentos do texto ficcional– o *Livro do Desassossego*. Essa leitura se realizou dentro da semântica da palavra “desassossego”. Para assim, fundamentarmos as pareências entre o ortônimo e o semi-heterônimo e em como o *Livro* é a metonímia da obra incompleta e fragmentária de Fernando Pessoa.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa. Bernardo Soares. *Livro do Desassossego*. Ficção. Transfiguração. Autorreflexão.

## ABSTRACT

ROSSONI, Camila Amanda. “Quando quis tirar a máscara estava pegada à cara”. An interpretation of the poetics of *Desassossego* in Fernando Pessoa. 61 f. TCC (Language Graduation Course), Federal University of Technology – Paraná, Pato Branco, 2018

Fernando Pessoa's poetic has overcome the limits between reality and fiction. In the face of his 136 masks, Bernardo Soares is his semi-alter-ego and holds the main authorship of *Livro do Desassossego* (2016). Bearing that in mind, this piece intended to investigate the plausible reasons for the title of “drama em gente” that Pessoa orders and how that fiction reveals itself in his semi-alter-ego through *Livro*. The concept of heteronímia was fundamental to this research, as well as de ortônimo, heterônimo (alter-ego) and semi-heterônimo (semi-alter-ego). The authorship problematic of *Livro* was also explored, alongside its textual fragmentary structure, whatever configures the non-book. For that, some of the theoretic and critics used were: Lourenço (1981) and (2015), Pizarro (2012), (2015) and (2016), Blanchot (2016), Merquior (1989), Moisés (1982). The set of Fernando Pessoa's texts on his transfiguration: the book *Teoria da Heteronímia* (2016) was also imperative. Therefore, we enable an approximation among six of Pessoa's auto-reflexive texts, opposing with for fragments of the fictional book *O Livro do Desassossego*. This interpretation happened within the semantic of the word “desassossego”. After that, the justifying of the likeness between the ortônimo and the semi-alter-ego and how *Livro* is the metonymy of the incomplete piece and fragmentary work of Fernando Pessoa.

**Keywords:** Fernando Pessoa. Bernardo Soares. *Livro do Desassossego*. Fiction. Transfiguration. Self-reflection.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 FERNANDO PESSOA: UM ESTRANGEIRO EM SUA POÉTICA</b> .....	<b>14</b>
<b>2 O <i>LIVRO DO DESASSOSSEGO</i> COMO NÃO-LIVRO DIANTE DE SUA DIVERSIDADE AUTORAL E IDENTIDADE FRAGMENTÁRIA</b> .....	<b>26</b>
2.1 TRÊS AUTORES EM BUSCA DE UM LIVRO .....	26
2.2 BERNARDO SOARES: O RESULTADO FICCIONAL DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA .....	29
2.3 O <i>LIVRO DO DESASSOSSEGO</i> NÃO É UM LIVRO .....	34
<b>3 O <i>LIVRO DO DESASSOSSEGO</i> COMO METONÍMIA DA OBRA INCOMPLETA E FRAGMENTÁRIA DE FERNANDO PESSOA: RELAÇÃO DO SENTIMENTO DE DESASSOSSEGO NO <i>LIVRO</i> E NOS ESCRITOS ÍNTIMOS E DE REFLEXÃO PESSOAL</b> .....	<b>40</b>
3.1 O DESASSOSSEGO DA REFLEXÃO PESSOANA FICCIONALIZADO NA POÉTICA SOAREANA.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo de sua trajetória como escritor, Fernando Antônio Nogueira Pessoa transfigurou-se de inúmeras maneiras que chegou a despersonalizar-se. Ele viveu sob a máscara de seus heterônimos, personagens fictícias e semi-heterônimo. Pessoa não apenas criou 136 personas, as quais assinaram grande parte de seu trabalho, como também constituiu parte delas com história e personalidade. Seus conhecidos heterônimos, juntamente com o ortônimo escreveram poemas, fragmentos, cartas e horóscopo. Eles possuíam sua própria caligrafia, data de nascimento e, alguns, uma biografia própria.

Em virtude disso, até nos dias de hoje, questiona-se a existência da identidade literária ortônima. Quem foi Fernando Pessoa? Ele está presente em algum de seus escritos? Jerónimo Pizarro em seu livro *Pessoa Existe?* (2012), nos ajuda a compor esta pesquisa e esclarece algumas dúvidas fundamentais para compreendermos melhor a identidade poética de Fernando Pessoa e, também, em como a heteronímia permeia a poética do escritor.

Bernardo Soares é uma dessas personagens fictícias. Responsável pela maior parte da autoria do *Livro do Desassossego* (2016), o ajudante de guarda-livros é considerado semi-heterônimo de Pessoa. O que indica, no *corpus* deste trabalho, certa semelhança entre o ficcional e o “real”. O próprio livro – reunião de fragmentos e escritos do autor – é descrito como uma “autobiografia sem factos” (p. 291). Em referência ao título de semi-heterônimo, o próprio Pessoa explica: “não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela” (PESSOA, 2012, p. 280).

Ao denominar uma dessas figuras – Bernardo Soares – como seu semi-heterônimo, mais questionamentos surgem. O que define um semi-heterônimo? Por que Bernardo Soares não é um heterônimo como os outros? É possível estabelecer uma relação entre a identidade do autor e a personalidade ficcional que criou? Quais escritos autorreflexivos de Pessoa abordam o campo semântico do *Desassossego*? Eles podem se relacionar com trechos do *Livro do Desassossego*? E em quais trechos do livro pressupõe-se que Pessoa está presente?

Tais questionamentos são de grande relevância para a presente pesquisa e para a área do meio acadêmico que investiga vida e obra do autor. Muito já se foi

estudado sobre Fernando Pessoa. Entretanto, a existência de Bernardo Soares – seu chamado semi-heterônimo – desperta olhares, especialmente pelo título atribuído a ele, o qual remete a certa aproximação com o raciocínio poético do autor. E diante de tantas lacunas quanto à relação autor-heterônimo e quanto à transfiguração em si – que pode ser a ideia de não-livro ou até mesmo a despersonalização, este trabalho se faz fundamental.

Desse modo, partimos pela tese de que Bernardo Soares, sendo semi-heterônimo, está mais próximo da personalidade literária de Fernando Pessoa que as outras personas. Para, dessa maneira, dialogar a poética do *Livro*, escrita em sua maior parte por Bernardo Soares, com textos autorreflexivos e autobiográficos do ortônimo. Com isso, pretendemos assemelhar o pensamento literário soareano com o pessoano, no campo semântico da palavra “desassossego”. Salientando, assim, o que constitui um semi-heterônimo e até que ponto é possível relacioná-lo com a poética do ortônimo.

Para viabilizar esta pesquisa, é fundamental relativizar a questão de Fernando Pessoa como entidade ficcional, “drama em gente” e “Eu como ficção”. Investigando, assim, em como Pessoa transfigurou-se em tantas personagens fictícias. O Livro *Teoria da Heteronímia* (2012), um conjunto de textos, nos quais, o ortônimo aborda essa temática, foi à vertente deste trabalho juntamente textos de críticos a respeito do ortônimo.

Por meio disso, trazer à baila os três autores do *Livro do Desassossego*, estabelecendo a relação de cada um na escrita do romance. Demonstrando, também a gênese do semi-heterônimo, Bernardo Soares. Em como ele configura-se dentro do *Livro* e em quais circunstâncias ele passou a dispor da maior parte da autoria do *Desassossego*, sucedeu-se indispensável para esclarecermos essa problemática.

Dessarte, identificar o que configura o *Livro do Desassossego* como “não-livro”, é outra problemática crucial para compreendermos, um pouco mais, da aproximação de Soares com Pessoa. E, também em como o fragmentário no *Livro*, mostra o “drama em gente” que é Fernando Pessoa. Para demonstrar essas teses, na leitura final, recortamos quatro trechos do *Livro do Desassossego* para contrapor com seis textos autorreflexivos e autobiográficos de Fernando Pessoa. Buscando,

dessa maneira, parecenças entre o substantivo “desassossego” na poética soariana e pessoana.

E, dessa maneira, constatar em como o sentimento de desassossego configura-se em Soares no *Livro* e em Pessoa nos textos autorreflexivos. Quais as parecenças nas duas poéticas e as diferenças que fazem de Bernardo Soares semi-heterônimo. Encontrando, por meio disso, plausíveis afirmativas de como o *Livro* é a metonímia da obra incompleta e fragmentária de Fernando Pessoa.

À vista disso, para possibilitar o desenvolvimento deste estudo, realizou-se uma pesquisa em livros e artigos científicos já publicados sobre Fernando Pessoa, Bernardo Soares e sobre o *Livro do Desassossego*. No primeiro capítulo o livro *Teoria da Heteronímia* (2012) de Fernando Pessoa, conjunto de textos e excertos do autor que tratam do tema da heteronímia, fez-se fundamental. Com o intuito de compreendermos os significados de heterônimo, semi-heterônimo e em que se constitui o heteronimismo.

Cleonice Berardinelli, no livro *Fernando Pessoa: outra vez te revejo*, nos revela que no escritor “a presença da ausência [...] é [...] o desejo de atingir a essência ou a ideia pela negação do mundo material. E isso “manifesta-se no desejo de escapar-se, de perder a própria personalidade humana” (2004, p. 38-39). Eduardo Lourenço enfatiza que Pessoa “é um, no sentido de ser único, pela simples razão de que até agora não havia realmente nenhum” (2002, p. 154). Essas são algumas das incertezas ao explorar a obra pessoana, a identidade e a realidade dela.

José Guilherme Merquior, em um de seus artigos publicado na revista *Colóquio Letras*, evidencia como a modernidade influencia na poética de Fernando Pessoa. E, dessa forma, conclui que “o simples jogo da heteronímia teria salvo Pessoa da escuridão total do negativismo absoluto, essa doença comum do espírito modernista”. Isso porque, Pessoa, a partir de sua multiplicidade, escreveu inúmeras temáticas e gêneros literários. O crítico afirma que alguns dos temas encontrados nas escritas do drama em gente “são a desilusão, o autoconhecimento; a agonia do pensamento; as epifanias e, em último lugar (mas não menos importante), o fatalismo” (1989 p. 31-35). E o romance mais incompleto e que retrata, de certa forma, o moderno é o *Livro do Desassossego*.

No segundo capítulo abordamos o *Livro do Desassossego*, sua diversidade autoral e sua configuração como “não-livro”. Ele “trata-se de um diário intelectual, iniciado em cerca de 1913, deixado em grande parte inédito pelo autor e que se encontra impregnado de cepticismo absoluto”(MERQUIOR, 1989, p. 30). E ele mostra uma falta de fé “no progresso, na igualdade e até mesmo na beleza”. Alguns críticos o chamam de “confissão decadente” (MERQUIOR, 1989, p. 30). A fragmentação no *Livro do Desassossego* pode ser até certo ponto ligada à identidade de “eu como ficção” relacionada a Fernando Pessoa por Eduardo Lourenço (2015). Até porque, como já mencionado anteriormente, o denominado escritor do *Livro* é um semi-heterônimo do escritor.

Entre as problemáticas ao estudar o *Livro do Desassossego*, é notória a de suas edições, que são quatro. A primeira, de Jacinto do Prado Coelho; a segunda, de Teresa Sobral Cunha; a terceira, de Richard Zenith; e a mais atual, de Jerónimo Pizarro. Utilizamos a última para viabilizar o presente trabalho. Isso, devido a sua organização por datas e autoria. Como mencionado no segundo capítulo deste trabalho, o *Livro* já foi atribuído a três autores diferentes, o que o torna ainda mais ficção.

Alguns críticos concordam que o *Livro* fragmentário poderia estar em uma arca – como as arcas de Pessoa encontradas com seus quase 30 mil documentos –, e os excertos, dispostos para serem lidos na ordem em que o leitor escolher. Isso nos remete ao conceito de “não-livro”. Maurice Blanchot em *O livro por vir* (2016), expõe a teoria que faz com que o estilo moderno desconfigure o que antes era chamado de livro. Esse conceito foi abordado, também, por Jerónimo Pizarro no prefácio do *Desassossego* (2016).

Por conseguinte, no terceiro e último capítulo desta pesquisa, fez-se necessário, aproximar alguns escritos autorreflexivos de Fernando Pessoa com excertos de sua obra ficcional – *Livro do Desassossego*, de modo a relacionar as poéticas de Fernando Pessoa ortônimo e de seu semi-heterônimo Bernardo Soares. Ademais, abordando o campo semântico da palavra “desassossego”, essa que permeia toda a escrita do *Livro* e de certo modo grande parte dos escritos ortônimos, para que, com isso, fosse plausível a aproximação poética entre o semi-heterônimo e o ortônimo, vendo mesmo que com máscaras quanto Pessoa presenteava suas

personagens com um pouco de si, especialmente Bernardo Soares.

## 1 FERNANDO PESSOA: UM ESTRANGEIRO EM SUA POÉTICA

“O que sou essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja – é dramaturgo” (PESSOA, 2012, p.283). Essa assertiva remete ao conceito de “drama em gente”, que demarca em certa medida a personalidade poética de Fernando Pessoa, fragmentária desde primeira idade. O *Livro do Desassossego* (2006) escrito por seu semi-heterônimo Bernardo Soares, constituirá juntamente com os escritos autobiográficos e de reflexão pessoal o *corpus* deste trabalho que discute, como já mencionado na introdução, a relação entre as poéticas de Fernando Pessoa ortônimo e do semi-heterônimo, perpassando pelos textos que compõem, em conjunto, a teoria da heteronímia.

O livro *Teoria da Heteronímia* de Fernando Pessoa (2012), editado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, consiste no primeiro alicerce dessa pesquisa. Ele traz os textos autorreflexivos, cartas, fragmentos poéticos do autor que de certa maneira nos apresentam a questão da heteronímia perpassando toda a produção de Pessoa, a exemplo de uma das cartas a Adolfo Casais Monteiro, em que Pessoa explica a gênese de seus heterônimos:

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos meus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e mental de despersonalização e para a simulação [...]. Nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia [...] (2012, p. 275-276).

Pessoa deixa vários escritos a respeito de outros escritores, um deles é intitulado “SHAKESPEARE – A base do gênio lírico é a histeria” (PESSOA, 1966, p. 299, tradução nossa)<sup>1</sup>. Foi escrito com data provável de 1928, alguns anos antes de redigir o trecho citado anteriormente. Ele fala a respeito da histeria, o que mostra que o poeta já havia se questionado a respeito disso e relacionando-a com os gênios líricos. À quais, ele se encaixaria também e faz uma alusão a Shakespeare para finalizar suas colocações.

<sup>1</sup>SHAKESPEARE - The basis of lyrical genius is hysteria

No gênio lírico do mais alto grau - aquilo que abrange todos os tipos de emoções, encarnando-as em pessoas e perpetuamente se despersonalizando - a histeria torna-se, por assim dizer, puramente intelectual; seja porque a saúde física é boa, mas a vitalmente deficiente (...). A histeria assume diferentes formas mentais de acordo com o temperamento geral com o qual ela coincide (se encontra). Se a saúde for frágil de alguma forma, a forma de histeria será quase física; e, se o histérico for um poeta lírico, ele cantará com suas próprias emoções e, na maior parte das vezes, com um pequeno número de emoções. Se a saúde for boa ou muito boa, a constituição forte e, com exceção da histeria, dos nervos razoavelmente saudáveis, a operação da histeria será puramente mental; e o poeta lírico produzido será aquele que cantará uma variedade de emoções sem sair de si [...] (Shakespeare era então 1) por natureza, e na juventude e início da idade adulta, um histérico; 2) mais tarde e em plena masculinidade um histero-neurastênico; 3) no final da vida, um histero-neurastênico em menor grau; ele também era de uma constituição frágil e de vitalidade deficiente, mas não insalubre. (Assim, muita coisa já foi determinada) (PESSOA, 1966, p. 299, tradução nossa) <sup>2</sup>.

Não se pode afirmar que Pessoa era propriamente histérico ou que possuía qualquer doença mental, mesmo que de certo modo ele se compare a Shakespeare nessa questão. Entretanto, sua genialidade o fez concluir: “vou mudando de personalidade, vou enriquecendo-me na capacidade de criar personalidades novas, novos tipos de fingir que compreendo o mundo, ou antes, de fingir que se pode compreendê-lo” (PESSOA, 2012, p. 283). Em sua “Tábua Bibliográfica” o escritor salienta que: “a heteronímia é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como o seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu” (PESSOA, 2012, p. 227).

“[...] isto é que não represente o mesmo poeta com outro nome, mas um poeta diferente, concebido dramaticamente como personagem diversa do autor e, até oposta à índole dele [...]”. A partir dessas assertivas Fernando Pessoa (2012, p. 230), demonstra as possíveis características de seus personagens e os plausíveis

<sup>2</sup>“In the lyrical genius of the highest grade — that which ranges over all types of emotion, incarnating them in persons and so perpetually depersonalising itself — the hysteria becomes, so to speak, purely intellectual; either because physical health is good but vitality deficient (...) Hysteria takes on different mental forms according to the general temperament with which it happens to coincide (meet). If health be frail in any way, the form of hysteria will be almost physical; and, if the hysteric be a lyric poet, he will sing out of his own emotions, and, the greater number of times, out of a small number of emotions. If health be good or very good, the constitution strong and, except for the hysteria, the nerves fairly sane, the operation of hysteria will be purely mental; and the lyric poet produced will be one who will sing of a variety of emotions without going out of himself [...] (Shakespeare was then 1) by nature, and in youth and early manhood, a hysteric; 2) later and in full manhood a hystero-neurasthenic; 3) at the end of his life a hystero neurasthenic in a lesser degree; he was also of a frail constitution and of deficient vitality, but not unhealthy. Thus much we have determined already”.

motivos de sua criação. Todavia, para que essas personas pudessem ser criadas Pessoa afirma que teve que se destruir. “Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não. Para criar, destruí-me. Tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente” (PESSOA, 2012, p. 210).

À vista disso, é de suma importância salientar que “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente” (PESSOA, 2012, p. 344). Eduardo Lourenço em seu artigo “Pessoa o eu como ficção” (2015, p. 73), realça em como a personalidade poética de Fernando Pessoa é fictícia e o chama de “mito literário perturbador”. Isso porque esse mito se refere ao “poeta sem nome próprio, criador de outros poetas em nome da única ficção que os torna possíveis: a do eu como ficção”. Em relação à obra de Pessoa, para Lourenço ela é uma ópera que:

[...] se representa a portas fechadas entre seu eu-ficção e as ficções destinadas a lhe dar a ilusão da sua realidade. Para ele não é apenas a verdadeira vida que está ausente. Toda vida é Ausência. É preciso tornar visível, sensível, essa ausência ontológica, a inesgotável vacuidade da nossa existência. O próprio Fernando Pessoa chamou a esta manifestação de si sobre um fundo de ausência, *heteronímia*, isto é, invenção de outros *eus* tão fictícios – ou tão reais – quanto o “eu” Fernando Pessoa (2015, p. 73, grifos do autor).

O modesto empregado de escritório do século XX vivia em uma constante busca, e vivenciava nela um sofrimento, a busca pela existência. A capacidade de ser ficção e fragmentação era experimentada, formando estratégias “para se convencer de que possuía todas as vidas que os sonhadores que viviam nele podiam inventar” (LOURENÇO, 2015, p. 74). Álvaro de Campos, no poema *Sentir tudo de todas as maneiras*, dispõe de uma plausível demonstração desse sentimento de busca pela existência que viabilizam, de certo modo, os motivos para que Fernando Pessoa tenha se constituído em suas 136 personagens:

Sentir tudo de todas as maneiras, /Viver tudo de todos os lados, /Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, /Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos/Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo (PESSOA, 2012, p. 334).

Em contraste com o que o heterônimo Álvaro de Campos escreve, em 1931 o ortônimo relata: “arte consiste em fazer os outros sentir o que não sentimos, em nos

libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação”. Contudo, Pessoa contrapõe sua afirmação, mostrando que o que ele realmente sente é incomunicável “e quanto mais profundamente o sinto, tanto mais incomunicável é” (PESSOA, 2012, p. 250).

Sendo a heteronímia um processo ficcional e considerando também que cada heterônimo é personagem criado por Fernando Pessoa, em toda poética dos heterônimos e do ortônimo “haveria apenas identidade do eu-lírico e personagens” (BERARDINELLI, 2004, p. 137). Dessarte, o poema *Sentir de todas as maneiras* pode não expressar os sentimentos de Fernando Pessoa em criar suas 136 personas. E, nem se pode saber se ele realmente não consegue demonstrar seus sentimentos quando relata isso em um texto ortônimo.

Outra maneira de se apresentar o teor ficcional da escrita de Pessoa, mesmo quando aparentemente ele está a escrever sobre si mesmo, é a contradição. Em uma carta a João Gaspar Simões em 1931 o ortônimo confessa: “nunca senti, em verdade, saudades de nada [...]. Não sei ter pessimismo ou olhar para trás” (PESSOA, 2012, p. 252). Já em outra carta a Adolfo Casais Monteiro, alguns anos depois, Pessoa escreve em relação aos seus amigos de infância – supostamente personagens: “tenho saudade deles” (PESSOA, 2012, p. 277).

A mentira é simplesmente a linguagem ideal da alma, pois, assim como nos servimos de palavras [...] nos servimos de mentiras e da ficção para nos entendermos uns aos outros, o que com a verdade, própria e intransmissível, se nunca poderia fazer. A arte mente porque é social. E só há duas grandes formas da arte – uma que se dirige à nossa alma profunda, a outra que se dirige à nossa alma atenta. A primeira é a poesia, o romance a segunda [...] (PESSOA, 2012, p. 251).

Tudo é ilusão na obra do poeta. “O reconhecimento de sua falta de ser, por Pessoa ‘ele mesmo’, é o resultado da experiência do poeta como não-sujeito – aquele que, ao escrever, se rasura e, exibindo-se, suprime-se”. Pode se reconhecer assim que o vácuo-Pessoa é um excesso-Pessoa (MOISÉS, 1982, p. 30). Coelho escreve o livro *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Nele conjectura que os heterônimos não são apenas simulação e sim que “a própria diversidade vale como expressão dramática de identidade. Se fingir é conhecer-se – é também dar-se a conhecer” (1973, p. 15).

A Heteronímia foi desde a originalidade “até as suas consequências mais radicais levando-o, ao fim e ao cabo, a uma espécie de *aprisionamento*, pois o Poeta conheceu melhor do que ninguém a ficção da sua ficção” (LOURENÇO, 2015, p. 76, grifos do autor). Porventura, se entende essa afirmativa na declaração de Pessoa: “A ficção acompanha-me, como a minha sombra. E o que eu quero é dormir” (PESSOA, 2012, p. 249). Dormir para o poeta seria não viver mais sua ficção? Estaria ele cansado de sua vida fictícia?

“Desde a infância esse sentimento de ser ficção é experimentado” por ele. A vacuidade é dada como verossímil justificativa pela criação de outros eus. “Pessoa cria os “eus” fictícios para preencher com eles o espaço sempre aberto que o separa de si mesmo porque, já de saída, a consciência o separa do mundo” (LOURENÇO, 2015, p. 75). Os heterônimos podem ser a lacuna que faltava no ortônimo, e talvez, a única maneira e motivo por ele ainda viver seu drama.

Portanto, toda obra pessoana exprime questionamentos devido a sua ficção e contradição. Ademais, o próprio título de “drama em gente” que o escritor detém faz referência a isso. E, na carta redigida a Adolfo Casais Monteiro, em 1935, Pessoa relata que seu primeiro personagem fictício foi *Chevalier de Pas* e que ele o descobriu com seis anos de idade. Assim, ele confessa: “esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este, mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação”. O dramaturgo conjuntamente elucida como se sucediam as gêneses de seus heterônimos “ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou” (PESSOA, 2012, p. 277).

Por intermédio do que foi explicitado reforça-se a ideia de que nem Fernando Pessoa sabia quem ele realmente era. Visto que a personalidade do poeta já havia se perdido em meio a sua ficção e ele não tem segurança também em afirmar se suas personagens eram realmente fictícias ou não. “Não sei bem entendido, se existiram, ou se sou eu que não existo. Nessas coisas como em todas, não devemos ser dogmáticos” (PESSOA, 2012, p. 276). A palavra dogma exhibe toda a discussão a respeito de Pessoa como ficção, realmente não devemos ser dogmáticos.

Heterônimo é “nome de outro por oposição ao nome próprio” o ortônimo. Esse conceito existe em Fernando Pessoa antes da palavra heterônimo existir, e corres-

ponde a ideia de transpersonalização. “<<Heteronímia>> pode entender-se como sinônimo de <<despersonalização>> ainda que o seu significado abarque muito mais do que uma perda ou uma mutilação de personalidade” (PIZARRO, 2012, p. 73-74, grifos do autor). Faz-se imprescindível acentuar, nesse momento, que Fernando Pessoa nunca usou a palavra heteronímia, Pizarro conjectura que o mesmo entendimento de heteronímia se dá quando o autor escreve “heteronimismo”.

É indispensável salientar, aqui, o conceito de heteronimismo ou heteronímia: “aponta para uma tendência – uma constituição mental, inclusive – e para uma técnica. Seria uma inclinação de carácter transfigurada em arte”. Além disso, é um processo consciente e premeditado, o qual o ortônimo inventa outros autores. Ele “[...] tem um papel activo e lúcido em todo este complexo processo, ainda que, na ficção [...]” (PIZARRO, 2012, p. 89-90). Desse modo, percebe-se que a heteronímia na poética pessoana consiste em ser outro ficcionalmente sendo ele mesmo, ou melhor, “voo outro”. Construindo, desse modo, outros autores. (PESSOA, 2012, p. 253).

Fernando Pessoa elucida, também, a heteronímia em um excerto de uma carta a João Gaspar Simões em 1931. Nesse trecho da carta ele fala a respeito dos sentimentos que o transportam para a heteronímia:

Sabe que, como poeta, sinto; que como poeta dramático (sem poeta), transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir (PESSOA, 2012, p. 253).

Faz-se primordial ressaltar que um heterônimo não é um pseudônimo, e o que difere um do outro. O próprio Fernando Pessoa esclareceu isso em sua tábua autobiográfica. “A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina” (PESSOA, 2012, p. 227). Assim sendo, a heteronímia é muito mais profunda e complexa como já mencionado anteriormente. E o escritor publicou, exclusivamente, conforme ele mesmo relata, obras ortônimas e heterônimas.

Fernando Pessoa foi quem inventou os significados mais atuais das palavras heterônimo e ortônimo. Com essa postura, ele pretendeu mostrar que “por um lado ele mesmo escrevia e as obras propriamente suas podiam qualificar-se como ortônimas”; e de outro lado “escrevia como alguém diferente dele mesmo e as obras relativamente alheias poderiam classificar-se como heterônimas”. Entretanto, o hete-

ronimismo refere-se à “construção de outras figuras autorais” e, ao passo que “[...] uma criação vertiginosa de alter egos por um ego (o do autor principal), que, ao invés de negar sua multiplicidade, procura conviver com ela e tirar dela o máximo partido” (PIZARRO, 2012, p. 75-76).

Como o infinito se compreende? Infinitamente, pois não podemos conceber um limite para o número. Mas se, compreendendo-se por si mesmo, o infinito, ao se converter em outro que não ele mesmo, não passa de si mesmo, é *ele mesmo no outro*. Não é o infinito a *ideia* de número? Ideia de número = ideia de pluralidade. / Ideia é uma, pluralidade é muitos. Na ideia de pluralidade, um = muitos (PESSOA, 2012, p. 115, grifos do autor, tradução nossa).<sup>3</sup>

O excerto, citado anteriormente, foi escrito com data provável de 1906 por Pessoa, e de certo modo, simboliza o heteronimismo do “drama em gente”. O poeta dentro de suas 136 personagens fictícias é o infinito. E será que mesmo dentro de outros ele era ele mesmo? E sendo plural ele era apenas um? Um pode desdobrar-se em muitos ao ver do poeta. Essa ideia de pluralidade nos faz perder de vista à extensão da poética pessoana. Dessarte, perceber como ele era estrangeiro de si mesmo.

“O reconhecimento de sua falta de ser, por Pessoa “ele mesmo”, é o resultado da experiência do poeta como não sujeito” (PESSOA, 2012, p. 227). Eduardo Lourenço traz um posicionamento pertinente que dialoga com a colocação, disposta anteriormente, por Pessoa. E, nos expõe, em como as máscaras e a transfiguração podem trazer anonimato ao escritor de maneira aflitiva:

Em suma, todo mundo e ninguém. E como todo mundo, encarnações do anonimato essencial do Eu enquanto eu moderno. O génio de Pessoa reside na antecipação. Ele multiplicou as máscaras sobre a face do Nada. Desse modo ele não a escondeu, nem reduziu. Ele a fez brilhar intensamente a fim de tornar indesculpáveis aqueles que ousassem não o perceber (2015, p.73).

Por conseguinte, Pessoa reafirma (2012, p. 237-238): “[...] hoje não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários cuja obra tenho sido o executor [...]”. Por meio dessas alegações, percebe-se que “a

<sup>3</sup>How does the infinite realise itself? Infinitely, for we can conceive no limit to number. But if, realising itself, it realises itself by itself, the infinite, in becoming other than itself, does not pass from itself, is itself in *the other*. /Is not the infinite the *idea* of number? /Idea of number = idea of plurality. /Idea is one, plurality is many. In the idea of plurality, one = many (PESSOA, 2012, p. 115, grifos do autor).

reescrita dos diversos autores Pessoaanos corresponde a um esquecimento de fronteiras, um deslizar para o anonimato” (LOPES, 1984, p. 20). Porém, Fernando Pessoa amedrontava-se ao pensar no esquecimento de sua obra. Possivelmente esse anonimato tenha um sentido psicológico para o “drama em gente”.

Jerónimo Pizarro estuda Pessoa há anos e já publicou alguns livros a respeito da poética do autor. Ele confia que “se a imortalidade de um nome era independente da existência ou inexistência histórica de um homem, se um autor podia esconder-se sob um disfarce de um nome e, assim, fazer-se célebe”. E expõe o questionamento de “que significado teria a imortalidade artística ou imortalidade em geral?”. A partir disso, supõe-se que Pessoa possa ter forjado “a imortalidade pessoal através da multiplicidade, sob o nome verdadeiro ou ortónimo, e sob outros nomes, ou heterônimos” (PIZARRO, 2012, p. 81-82).

Mattia e Zandoná (2015) publicam o artigo “Fernando pessoa e a ficção heteronímica: o drama do poeta ou o poeta do drama”. Nele afirmam que não apenas com o argumento psicológico “é possível encontrar a explicação da heteronímia pela ideia de fragmentação e de multiplicação, da sensação de desdobramento infinito, em uma todos os heterônimos são construídos, inclusive ‘ele mesmo’”. Para os críticos a criação dos heterônimos de Fernando Pessoa não é apenas a criação de personagens. E sim um “drama teatral de poetas que existem por si” (p. 194-198, grifos dos autores).

Joaquim Michael (2014), em sua dissertação de mestrado, complementa:

A consequência da multiplicação do eu é o plural dos eus – é o fim do eu em singular. É exatamente o que propõe a heteronímia. Mas em vez de simplesmente escrever sobre o eu múltiplo, ela transforma o discurso moderno sobre a multiplicidade do eu em prática poética multiplicando os eus que escrevem (p. 167).

“O poeta é um fingidor” (PESSOA, 2012, p. 344), uma máscara se sobrepõe a outra e a possibilidade de desvendar o posicionamento do ortónimo é quase nula. Mas, para o poeta “ser ator é vicioso [...]” e ele “[...] experimenta a vertigem de assistir, impotente ao desdobramento da máscara”. Então se levanta a hipótese de que “nenhum dos heterônimos e nem mesmo o ortónimo é ele mesmo; mas, como a passagem de um a outro é imperceptível, cada um deles remete ao outro, e a soma de todos esses nomes é o anônimo” (MOISÉS, 1982, p. 19-22).

Desse modo, a questão da máscara não deve ser compreendida no sentido de poder tirá-la e revelar quem Pessoa realmente é em sua obra. Mas sim, na questão de ela estar fixada e não se conseguir desvendá-la completamente, e apenas se conseguir enxergar partes da criação pessoana. Por isso, se chega à questão do anonimato, a questão da impotência em revelar Fernando Pessoa. Talvez ele não desejasse ser desvendado.

“A soma dos sujeitos unitários deveria produzir o todo”. Mas entre todos esses sujeitos. “É o negativo ‘ele mesmo’ quem triunfa, recobrando a afirmação e a negação, negando uma e outra” (MOISÉS, 1982, p. 22, grifos da autora). Sendo assim, a volta para ser um se torna impossível após toda essa multiplicação e fragmentação em forma de ficção de si mesmo.

A ópera poética de Pessoa se representa a portas fechadas entre seu eu-ficção e as ficções destinadas a lhe dar a ilusão da sua realidade. Para ele não é apenas a verdadeira vida que está ausente. Toda vida é Ausência. É preciso tornar visível, sensível, essa ausência ontológica, a inesgotável vacuidade da nossa existência (LOURENÇO, 2015, p. 1).

Eduardo Lourenço em *Fernando Pessoa revisitado* (1981, p. 83), pressupõe que a heteronímia “é original e originária fonte de perturbação existencial e perplexidade”. Dessa maneira, não é possível omitir a influência da modernidade na fragmentação do sujeito. Leyla Perrone-Moisés firma que “a heteronímia pessoana representa uma estratégia autoral com o intuito de problematizar a questão da modernidade”. Conjuntamente “a definição de cada uma de suas realidades pode ser exposta pelas entidades poéticas” e dessa maneira, “suas ficções, dramatizam o sintoma de modernidade” (1982, p. 146-147).

Considerando a época em que Pessoa viveu e escreveu, e principalmente sua participação na *Revista Orpheu*, é imprescindível trazer o “Lugar de Pessoa na poesia moderna”, artigo que José Guilherme Merquior publica na revista *Colóquio Letras*. O qual discorre a respeito de como a modernidade influenciou na poética de Fernando Pessoa. E, dessa forma, conclui que “o simples jogo da heteronímia teria salvo Pessoa da escuridão total do negativismo absoluto, essa doença comum do espírito modernista” (1989, p. 31).

Isso porque, Pessoa a partir de sua multiplicidade escreveu inúmeras temáticas e gêneros literários. Merquior afirma que alguns dos temas encontrados

nas escritas do drama em gente “são a desilusão, o autoconhecimento; a agonia do pensamento; as epifanias e, em último lugar (mas não menos importante), o fatalismo” (1989, p. 35). E desse modo foi que a heteronímia problematizou a questão moderna, e cada realidade e temática foram representadas por entidades poéticas. Todos esses temas, em certo ponto ligam Fernando Pessoa com a modernidade e juntamente com sua multiplicidade.

O moderno representa um sujeito em crise, “no lugar da palavra crise, seria melhor empregar aqui a palavra conflito. É o conflito que se inscreve nessa obra, sem que se deflagre uma verdadeira crise [...]” (MOISÉS, 1982, p. 32). O conflito se dá pelo sentimento de modernidade, extensão da poética do escritor, fragmentação não apenas do sujeito, mas da obra em si. Obra que é incompleta, porém que se complementa em sua incompletude e que representa a dramaturgia que é Pessoa.

“Fernando Pessoa nunca está onde pretende estar, porque ele não está em *nenhum lugar* [...]. Toda a sua obra é uma imensa armadilha. Sua única desculpa – se é que ele precisa de uma – é que essa é a armadilha universal da Linguagem” (LOURENÇO, 2015, p. 76-77, grifos do autor). Uma das armadilhas presentes na escrita pessoana é a sinceridade. Em razão de Pessoa, ter escrito provavelmente em 1915: “Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variadamente outro do que um eu que não sei se existe” (PESSOA, 2012, p. 149).

Em outra passagem possivelmente no mesmo ano. Mas, em uma carta a Armando Cortes-Rodrigues, Pessoa retoma sua fala a respeito de seus heterônimos e da sinceridade.

Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis, ou do Álvaro de Campos (...). Isso é sentido na pessoa de outro; é escrito dramaticamente, mas é sincero (no meu grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. Chamo insinceras às coisas feitas para fazer pasmar, e às coisas, também repare nisto, que é importante que não contêm uma fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, divino em todos os três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir (PESSOA, 1985, p. 46).

A partir dessas confissões o poeta afirma: “não sei se estou sendo lúcido. Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amaro de espírito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim eu devo estar a ser sincero” (PESSOA, 1985, p. 11). A sinceridade também se põe em contradição nos escritos do poeta. Ele, assim como o leitor, não sabe se a sinceridade está realmente presente ou não, e em qual momento estará.

A apresentação dos três, principais, e, realmente classificados, como heterônimos de Fernando Pessoa se dá também na carta a Adolfo Casais Monteiro – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Nessa carta, Pessoa esclarece a gênese de seus heterônimos e personagens fictícias enfatizando que “estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama”. A partir desses pressupostos o ortônimo elucidava: “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina, vestida de música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (PESSOA, 2012, p. 275).

Ninguém sabia melhor que Fernando Pessoa que as suas múltiplas *máscaras*, esses *eus* diversos e literariamente *autônomos*, não eram de modo algum seus sócios ou duplos, ou puras invenções, mas sim o jogo permanente do *desdobramento* do seu único eu (LOURENÇO, 2015, p. 76, grifos do autor).

Todavia essa carta sobre a gênese dos heterônimos pessoanos apesar de simbolizar uma confissão, ainda deve ser questionada. Isso porque o próprio Pessoa diz: “estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido”. Por meio de todos esses questionamentos a respeito da poética de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, surge uma dúvida mais profunda: *Pessoa Existe?* Jerónimo Pizarro (2012) escreve o livro com esse título, que já em seu prefácio Miguel Real faz questionamentos a respeito de Pessoa e traz colocações de pesquisas e livros fundamentais para a compreensão da heteronímia do “poeta fingidor”.

Jerónimo Pizarro acredita que os estudos da heteronímia pretendem desvendar a identidade de gênio ou de louco de Fernando Pessoa. Para poder

ousar um diagnóstico, deve-se antes “sondar até que ponto Pessoa nutriu e acarinhou a ideia do poeta louco como base generativa das suas múltiplas <<pessoas>>”. Arrisca-se evidenciar que os vários mitos compõem vulto literário pessoano ele próprio os forjou, dessa forma, “ao denominá-lo simplesmente <<gênio ou louco>> apenas recaímos num lugar-comum, numa mera repetição supersticiosa” (2012, p. 22, grifos do autor).

Consequentemente o caso do poeta é incompreensível. Por ele ser um paradigma e, assim, destituído de uma análise ou leitura verdadeira. À vista disso, ele é estimado pelos críticos, e a única possibilidade é consagrá-lo, “como mero eco do seu próprio designo” (PIZARRO, 2012, p. 35).

Nessa medida, a explicação de Pessoa e a sua auto-análise (histérico-neurastênico com predominância do elemento histérico), sejam elas verdadeiras ou falsas (do ponto de vista clínico), poderiam permitir uma interpretação mais integrada da sua produção, sem ser necessário confundir a crítica psiquiátrica com a literária, nem tampouco designá-lo como <<gênio ou louco>>. Devemos simplesmente reconhecer e analisar as suas várias influências e perceber como, desde os primeiros heterônimos à ficção de si mesmo, Pessoa aproveitou as ideias circundantes – o futurismo, as ciências médicas e as ocultas –, para caracterizar com mais verosimilhança e força as personagens do seu drama em gente, bem como a si próprio enquanto autor (PIZARRO, 2012, p. 36, grifos do autor).

Por meio de todas as assertivas, que dialogam em como Fernando Pessoa é um “drama em gente”, vem à baila inúmeras possibilidades de leituras da obra pessoana. E, conjuntamente, de como ele pode ter se transfigurado em suas 136 personagens fictícias. As influências, como citadas anteriormente, foram usufruídas juntamente com a genialidade ou loucura do escritor. Porém, não se pode denominá-lo nem um, nem outro. E muito menos desmistificar sua extensão poética.

## 2 O LIVRO DO DESASSOSSEGO COMO NÃO-LIVRO DIANTE DE SUA DIVERSIDADE AUTORAL E IDENTIDADE FRAGMENTÁRIA

### 2.1 TRÊS AUTORES EM BUSCA DE UM LIVRO

O *Livro do Desassossego*, “é uma obra em que há pelo menos três autores à procura de um livro” (PESSOA, 2016, p. 16). Essa assertiva nos remete, de forma intertextual, à peça *Seis personagens à procura de um autor* (1977) de Luigi Pirandello. O professor Maurício Santana Dias, em entrevista para UNIVESP (2014), dialoga a respeito da obra pirandelliana. Ele frisa que a vida é uma representação de personagens. E, inúmeras vezes, a ficção é mais real ou verídica que a própria vida. Em vista disso, se assenta a possibilidade de a ficção no *Desassossego* ser verossímil a vida de seus escritores. E, ou “meramente” a despersonalização de Pessoa. Porventura, a autoria do *Livro* já foi designada a Fernando Pessoa, Vicente Guedes e Bernardo Soares.

Na introdução elaborada por Jerónimo Pizarro, para a edição de 2016 do *Livro do Desassossego*, o estudioso de Fernando Pessoa, esclarece alguns parênteses sobre o(s) autor(es) do Livro.

Em última análise, o autor será o próprio Pessoa e assim deve, ao meu ver, ser arrogado. Só que existe um autor interno ao *Livro*, que primeiro foi o próprio Pessoa ou uma das suas figurações ortônimas, depois Vicente Guedes, num primeiro ato de despersonalização, de seguida outra vez Pessoa, mais tarde Bernardo Soares, num segundo ato de despersonalização, e finalmente, ao que parece, outra vez Pessoa. Digo “ao que parece”, porque sempre que encontramos no espólio pessoano textos sem indicação de autoria fictícia e não assinados tendemos – se a letra é do autor “real” – a atribuir esses textos a Pessoa (PESSOA, 2016, p. 14, grifos do autor).

Richard Zenith em sua edição do *Livro do Desassossego* também elabora algumas colocações a respeito do(s) autor(es). Ele supõe que quando o livro se torna um diário – na concepção de Pessoa – ele não pode mais ser o autor do livro. Assim, Vicente Guedes assume os escritos. O ortônimo publicaria o livro após a morte do autor elaborando uma epígrafe para o diário “Este livro é a biografia de alguém que nunca teve vida [...] Este livro não é dele: é ele” (PESSOA, 2006, p. 508). Fernando Pessoa relata que conheceu Guedes em um restaurante barato de Lisboa, e que por vezes saíam para conversar, depois de jantar; discorre a respeito

da vida do escritor revelando que ele era ajudante de guarda-livros e que morava no quarto andar da Baixa na Rua dos Retroseiros (PESSOA, 2006).

Todas as peças estavam sendo encaixadas pelo dramaturgo. Entretanto, na visão de Fernando Pessoa, o livro passou a assumir um conteúdo que não era mais de Vicente Guedes. E, os escritos ficaram um tempo sem “autor”. A produção deles na década de 20 quase não existiu. Apenas depois de 1930, Pessoa volta a datar grande parte dos trechos que fariam parte do *Livro do Desassossego*. Nesse momento, o autor passa a ser Bernardo Soares, seu semi-heterônimo. Porém “o autor final (e ao princípio, e sempre), é Fernando Pessoa” (PESSOA, 2006, p. 21).

Existem algumas divergências e semelhanças entre as duas edições do livro. A primeira divergência é que em Richard Zenith, quando Guedes deixa de ser o autor do livro, o livro fica sem “autor”; e para Jerónimo Pizarro, nessa fase, o livro volta a ser de Pessoa. Na concepção dos críticos a autoria é realmente pessoana. Para explicar isso, Pizarro relata que nenhum fragmento está assinado por Guedes ou por Soares. Porém, os nomes dos escritores aparecem em planos ou listas de projetos da obra. Dessa forma é possível “afirmar que Guedes foi uma figura passageira dos prefácios de 1915-1917”, nessa fase o livro é um “diário pós-symbolista” e não “apontamentos de índole íntima e filosófica”. Soares surge na “fase mais produtiva da obra, em torno de 1930” (PESSOA, 2016, p. 15).

Em relação à autoria ser de Pessoa, Zenith ressalta: “se a voz do livro mudou, foi muito simplesmente porque Pessoa mudou. Envelheceu. E esta voz sequer mudou muito se a compararmos com a de Álvaro de Campos após vinte anos em companhia de seu criador” (PESSOA, 2006, p. 21-22). Essas considerações são passíveis de questionamento. Porque um heterônimo não mudou de voz no decorrer dos anos? E o livro do desassossego mudou tanto de autoria? Isso pode ser relacionado à capacidade de fragmentação do ortônimo. Por ele não querer – ou não poder assumir uma face tão expositora de sua poética.

À vista disso, Pessoa excluiu os fragmentos que mostram que o livro é da autoria de Guedes para dar lugar a Soares. Mas como a revisão dos trechos antigos, a qual o ortônimo previa, não aconteceu, a personalidade autoral de Vicente Guedes ainda está presente no *Livro do Desassossego*. “Os fragmentos antigos conservam o estilo e o tom de Vicente Guedes – racionalmente mais frio, emocionalmente

menos impressionável do que Soares – e, portanto, a sua autoria” (PESSOA, 2006, p. 21-22).

Entretanto, a edição de 2006, mesmo abordando que a identidade poética de Vicente Guedes é presente no livro. Ela alterna os fragmentos, deixando complexa a leitura, sem demonstrar para o leitor as divergências entre a escrita de Guedes, de Soares e de Pessoa ele-mesmo. Na edição mais recente do livro, a qual Jerónimo Pizarro elabora, os trechos são divididos em duas fases. “Tal como este foi surgindo, sem o descaracterizar, alternando, como o faz Richard Zenith” (2016, p. 28). Assim sendo, é viabilizada a leitura de forma que se identifique a fase guediana e a fase soariana. Porém, a voz de Fernando Pessoa ainda está perdida dentro da obra, e não se pode afirmar que ela verdadeiramente existe.

Há mais um desassossegado, o aristocrata Barão de Teive, associável ao Livro, não como autor mas como colaborador. É que Teive também sofria de tédio, também não encontrava nenhum sentido na vida e também não tinha salvação possível, sendo o seu ceticismo total. O seu “único manuscrito”, intitulado “A Educação do Estóico”, foi encontrado na gaveta de um hotel, presumivelmente por Pessoa [...] (PESSOA, 2006, p. 22).

Barão de Teive, outra persona fictícia de Pessoa, tem sua breve participação no livro, porém existe uma diferença fundamental entre ele e Soares, que não o permitiu ser autor também, tal qual se abordará no próximo subcapítulo. Zenith afirma também que Bernardo Soares ameaçou a propriedade intelectual do Barão. E, além disso, “quase se apoderou de uma importante fase poética de Pessoa ele-mesmo”. Desse modo, ainda diz que “os primeiros trechos do Livro do Desassossego pertencem, afinal, a Bernardo Soares” (2006, p. 22-23). Isso se comprova em um plano literário elaborado pelo ortônimo: “Bernardo Soares. /Rua dos Douradores. /Os trechos vários (Sinfonia de uma noite inquieta, Marcha Fúnebre, Na Floresta do Alheamento) [...]” (PESSOA, 2006, p. 21).

Fernando Pessoa, nunca elaborou uma atribuição alheia a Guedes, talvez porque a personagem não possuísse aptidão semi-heteronímica. Dessa forma, os fragmentos estavam perdidos desde o princípio, desde quando se acreditava que o livro possuía autoria ortônima. Ao atribuí-los à Soares, sua nova criação, Pessoa concebe alguém próximo a si mesmo, para representar toda aquela obra semelhante a ele – “fragmentária desde primeira idade”. Mas que mesmo assim não pode ser

ele-mesmo.

## 2.2 BERNARDO SOARES: O RESULTADO FICCIONAL DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA

A vertente poética de Fernando Pessoa não é apenas ortônima e heterônima. Outro conceito fundamental, vem à baila, oportunamente: semi-heterônimo. Esta categoria é tão importante quanto à de ortônimo, já que foi atribuída a um semi-heterônimo a maior parte da autoria do *Livro do Desassossego* – uma das obras fundamentais para a compressão da identidade fragmentária que é Pessoa.

Em seu prefácio, o *Livro do Desassossego* traz a confissão de Pessoa a respeito de onde, presumivelmente, ele conheceu Bernardo Soares. Não é possível identificar exatamente se essas colocações são a respeito de Soares porque, à época, Vicente Guedes era denominado autor do *Livro*. Conheceu-o, pois, na cidade de Lisboa, com data provável de 1917, em um local com restaurantes, nos quais, o ortônimo costumava jantar. Em uma dessas ocasiões Pessoa avistou Soares e discorre sobre a aparência do guarda-livros:

Era um homem que aparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando em pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava – parecia indicar vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito (PESSOA, 2016, p. 33).

O drama em gente, leva em conta também, sua primeira comunicação com o autor do livro. “Troquei com ele uma frase casual, e ele respondeu ao mesmo tom [...] passámos a cumprimentarmo-nos desde esse dia [...]”. Em um diálogo com Soares, Pessoa menciona a *Revista Orpheu* e o semi-heterônimo a elogia. Ainda proclama que “não tendo para onde ir nem o que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, só ia gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também” (PESSOA, 2016, p. 34).

Embora a gênese de Bernardo Soares remonte sua existência a um período antes de 1920, seu nome aparece na escrita de Pessoa apenas nesse ano, no topo de uma lista de dez contos. Entretanto, ele se torna semi-heterônimo apenas em

1930, quando é qualificado autor do *Livro do Desassossego*, como já mencionado anteriormente. Soares perdeu a mãe com um ano e seu pai se suicidou quando ele tinha três anos. Conseguiu emprego em um escritório de Lisboa por meio de um tio. No decorrer do tempo foi promovido a ajudante de guarda-livros. Morava na Rua dos Douradores em um quarto alugado no quarto andar. Essas informações sobre o semi-heterônimo são encontradas em seu livro. Pois, Pessoa, diferentemente de seus heterônimos, não escreveu uma biografia para Bernardo Soares (PESSOA, 2016).

Em uma das Cartas a Adolfo Casais Monteiro, escrita em 1935, redigida por Pessoa, Bernardo Soares é conjecturado semi-heterônimo:

[...] O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual [...] (PESSOA, 2012, p. 280).

A partir do exposto, voltamos ao conceito de heteronímia. Isso para compreendermos em qual vertente dela Bernardo Soares se encontra. “[...] Heteronímia, isto é, invenção de outros eus tão fictícios – ou tão reais – quanto o ‘eu’ Fernando Pessoa”. Enfatizando aqui Bernardo Soares, que, como já assinalado, é apontado como o de personalidade poética mais próxima do ortônimo. “Mas essa aparente autonomia é, por sua vez, tão somente a face de um único sujeito, o do eu como ficção, que busca sua morte (sua vida) nesse baile de máscaras precárias da Heteronímia” (LOURENÇO, 2015, p. 75, grifos do autor).

Gaspere Trapani publica na revista *Colóquio Letras*, um artigo a respeito dos percursos do eu quebrado, abordando Bernardo Soares, Fernando Pessoa e o *Livro do Desassossego*. Ele relata que as parecenças entre Pessoa e Soares não se dão apenas na escrita. “Ambos moram sozinhos em quartos mobiliados, em Lisboa, trabalham na Baixa e frequentam os mesmos cafés e restaurantes [...], mas também partilham a mesma atitude de tédio existencial e voluntário isolamento da realidade” (2013, p. 93).

Desse modo, se pode indagar o predomínio de uma parte maior de Pessoa –

ele mesmo – na poética de Bernardo Soares. Ressaltando-a com a colocação do escritor a respeito do *Livro do Desassossego*: “[...] a personalidade [de Bernardo Soares] distingue-se por ideias e sentimentos próprios, distintos dos meus [...]”. Diferenciando-o de *O Banqueiro Anarquista* (1982), Pessoa discorre: “[...] se distingue por ideias, postas em raciocínio ou argumento, que não são minhas, ou se são, o não conheço [...]”.

É que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não se distingue de mim pelo estilo de expor. Dou a personalidade diferente através do estilo que me é natural, não havendo mais que a distinção inevitável do tom especial que a própria especialidade das emoções necessariamente projeta (PESSOA, 2012, p. 238).

As citações anteriores são a respeito do livro *Ficções do Interlúdio* (1975). Nesses escritos Pessoa justifica a não inclusão de Bernardo Soares no livro. Isso porque, “aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada. Por isso, nas *Ficções do Interlúdio* predomina o verso. Em prosa é mais difícil se outrar” (2012, p. 239). Se Bernardo Soares realmente tem mais de Pessoa que as outras personagens, não se pode afirmar. Contudo, Pessoa faz diversas colocações, como as anteriores, que nos trazem questionamentos a respeito disso, e possibilitam uma leitura crítica.

Elaborando um “currículo” de Bernardo Soares, Fernando Pessoa escreve: “Soares não é poeta. Na sua poesia é imperfeito e sem a continuidade que tem na prosa; os seus versos são o lixo da sua prosa, aparas do que escreve a valer” (PESSOA, 2006, p. 23). Apoiando-se nesse posicionamento a respeito da poética de Soares, se estabelece uma relação semi-heterônimo/ortônimo em grau superior. Posto que Pessoa anuncia que “em prosa é mais difícil se outrar”, arisca-se questionar uma semelhança ainda maior entre Pessoa e Soares. Porque o *Livro do Desassossego* é em prosa, e talvez a fragmentariedade dessa prosa seja Pessoa tentando se outrar.

“Há acidentes do meu distinguir uns de outros que pesam como grandes fardos do meu discernimento espiritual. Distinguir tal composição musicante de Bernardo Soares de uma composição de igual teor a minha [...]” (PESSOA, 2012, p. 239). Nem sempre distinguir-se de Soares é fácil ou possível para Pessoa. Então há

uma grande mistura de ortônimo e heterônimo que formam o semi-heterônimo, e não se sabe em que ponto eles podem ser um só, ou se podem.

Além do mais, no prefácio de *Ficções do Interlúdio* o poeta faz algumas colocações a respeito da divisão de sua obra e de suas “figuras”. À vista disso, ele distingue suas personagens de duas formas. A primeira: “nas que destaco em absoluto, o mesmo estilo me é alheio, e, se a figura o pede, contrário, até, ao meu”; a segunda: “nas figuras que **subcrevo** não há diferença do meu estilo próprio, senão nos pormenores inevitáveis; sem os quais elas não se distinguiriam entre si” (PESSOA, 2012, p. 236, grifos nossos).

Ao passo que Fernando Pessoa escreve “subcrevo”, nota-se que ele está se voltando para seu semi-heterônimo. Ele afirma que as divergências entre sua escrita ortônima e a subcrevida são mínimas. Então, a consistência de um semi-heterônimo, para o escritor, são apenas algumas diferenças inevitáveis. No caso de Bernardo Soares, são a maneira em como as emoções são transmitidas e a afetividade. O semi-heterônimo, autor do *Livro do Desassossego*, é apenas uma mutilação da personalidade ortônima.

Dessa forma, Pessoa exemplifica as diferenças entre um heterônimo – Barão de Teive; e um semi-heterônimo – Bernardo Soares.

[...] são ambos figuras minhamente alheias – escrevem com a mesma substância de estilo, a mesma gramática, e o mesmo tipo e forma de propriedade: é que escrevem com o estilo que, bom ou mau, é o meu [...]. Mas ao passo que o português é igual no Barão de Teive e em Bernardo Soares, o estilo difere em que o do fidalgo é intelectual, despido de imagens, um pouco, como direi?, hirtó e restrito; e o do burguês é fluido, participando da música e da pintura, pouco arquitetural. O fidalgo pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não seus sentimentos; o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina, e quando pensa é subsidiariamente a sentir (2012, p. 237).

Nesse contexto, a principal diferença entre as duas personas de Pessoa, é relacionada ao onírico. Isso é o que mais aproxima Bernardo Soares de seu criador – não conseguir dominar seus sentimentos e ser espontâneo ao demonstrá-los. Outro fator que nos remete ao ortônimo é a capacidade do semi-heterônimo em escrever sobre diversas temáticas. Mesmo não tendo frequentado outros lugares além de seu trabalho/moradia no mesmo prédio, e as localidades descritas anteriormente. Bernardo Soares pode ser também ficção de si mesmo.

Uma amostra disso se vê no livro *A unidade múltipla de Bernardo Soares* (2007). Marisa Isabel Mateus Pêgo, considera que “Soares segue as recomendações de Pessoa, ao mesmo tempo que desenvolve a temática da *sinceridade-insinceridade* na prosa do *Desassossego*” (p. 125, grifos da autora). Por conseguinte, essa afirmação pode ser relacionada ao excerto do livro em que o semi-heterônimo conjectura: “Parecerá a muitos que este meu diário, feito para mim, é artificial de mais. Mas é de meu natural ser artificial” (PESSOA, 2016, p. 155).

Ser fictício ou fragmentário é da naturalidade de Bernardo Soares. Não poderia ser diferente, considerando que Soares é uma personalidade advinda de Pessoa e mais parecida com ele do que todas as outras. E sua vasta produção é o reflexo de Pessoa se vestir com outra roupa de estilo parecido com o que já utilizava. Em vista disso, o diário tem caráter fictício. E quanto à sinceridade, nem Soares sabe quando ela está presente. “Nunca sabemos quando somos sinceros. Talvez nunca o sejamos. E mesmo que sejamos sinceros hoje, amanhã podemos sê-los por coisa contrária” (PESSOA, 2016, p. 160).

Alfredo Margarido redige para a revista *Colóquio Letras* (1984) o artigo “Bernardo Soares: escrever é existir”. O título já supõe uma reflexão em torno de toda a poética de Soares. Expondo que em sua vasta produção, os heterônimos de Fernando Pessoa e ele próprio, não conseguiram “calar a subprodução concentrada em nome de Bernardo Soares” (MARGARIDO, p. 78).

O semi-heterônimo Bernardo Soares aparece como o autor mais identificado ao real quotidiano lisboeta que Fernando Pessoa não quis apagar nem tão-pouco transcender graças à criação: o poeta é também o homem que não renuncia o quotidiano, e que, se mostra alguma repugnância perante as condições existenciais que são as suas, as resolve em função dos parâmetros da escrita, quando não da obra literária (MARGARIDO, 1984, p.78).

Bernardo Soares vive porque escreve “[...] escreve sobre tudo os fragmentos que explicam como a não-vida se transforma em escrita. [...] de maneira a constituir o lugar onde a escrita consegue a operação alquímica que faz a vida quase nula [...]”. Ele também sofre. “Sofre não só porque os outros escrevem, mas também porque não consegue, devido à inexistência da sua operação crítica, escrever outra coisa que não sejam <<trechos, bocados, excertos do inexistente>>” (MARGARIDO, 1984, p. 86-87, grifos do autor).

Diante da afirmação de Soares, a respeito de seu livro ser um diário, porém que tende a simulação. Suas semelhanças poéticas se acentuam em relação à obra pessoana ortônima. E o fato de não conseguir desenvolver uma prosa sem fragmento, exemplificam isso novamente. O *Livro do Desassossego*, sua obra inacabada, por meio de seus fragmentos e sua identidade ficcional, nos ajudará a idealizar uma suposta presença de Fernando Pessoa, na escrita originária de Bernardo Soares.

### 2.30 LIVRO DO DESASSOSSEGO NÃO É UM LIVRO

“A língua portuguesa talvez nunca se tenha visto tão desassossegada como neste livro” (PESSOA, 2016, p. 25). O livro é peça de um labirinto impossível, de estrangeiros buscando seu caminho para casa, caminho inexistente. É “uma obra imensa, inacabada e inacabável” (BLANCHOT, 2016, p. 158). “[...] Dir-se-á que são fragmentos, restos, lixo, refugio” (COELHO, 1984, p. 21). A despersonalização de Fernando Pessoa e fragmentação de Bernardo Soares são o *Livro*. O *Livro* é fruto do caráter moderno e da poética desassossegadora do ortônimo e do semi-heterônimo.

Esse *Livro* não existe. É o “símbolo material” da incapacidade de Fernando Pessoa “de dar forma a um *texto* sobre si mesmo fechado e símbolo mais precioso ainda de sua certeza do não-fechamento de todos os textos”. Os editores e organizadores “destes fragmentos fizeram o agora livro real que se chama precisamente <<O Livro do Desassossego>>” (LOURENÇO, 1981, p. 84, grifos do autor).

O editor de Pessoa não poderá nunca organizar de um modo “verdadeiro e definitivo” o que o próprio autor não chegou a dispor numa determinada ordem. [...] penso que não é um problema, é apenas a realidade, e que, portanto, não precisa de ser solucionado nem corrigido. A meu ver, temos que nos adaptar à pluralidade editorial de seus livros –nomeadamente do *Desassossego*–, visto que não é negativo, e sim extremamente positivo, pois é um signo de vitalidade, que Pessoa seja cada vez mais múltiplo [...] (PIZARRO, 2015, p. 12, grifos do autor).

A multiplicidade de Fernando Pessoa é o *Desassossego*, e não é plausível que ele seja um livro sem fragmentariedade. Desse modo, não é possível organizar

os escritos da arca pessoana, em uma maneira totalmente fiel. Isso porque, quem iria constituir e publicar o livro seria o próprio Pessoa. E ele não deixou uma diretriz de trechos, e sim vários textos sem data ou ordem. Isso é positivo para o estudo de sua poética, porque exterioriza em como ele é ficção ou “drama em gente”. Por conseguinte, o *Livro do Desassossego* é a metonímia da obra incompleta e fragmentária de Fernando Pessoa.

O crítico francês Maurice Blanchot, nos demonstra em como a concepção fragmentária pode ser favorável:

[...] uma concepção fragmentária, em que o vazio não é figurado mas, pelo contrário, permanece vazio. A *Busca*, obra maciça, ininterrupta, conseguiu acrescentar, aos pontos estrelados, o vazio como plenitude, e fazer então cintilar maravilhosamente as estrelas, porque não lhes falta mais a imensidão do espaço vazio. De modo que é pela continuidade mais densa e mais substancial que a obra consegue representar o que há de mais descontínuo, a intermitência dos instantes de luz dos quais lhe vem a possibilidade de escrever (2016, p. 29, grifos do autor).

Na obra soariana o vazio se torna plenitude. O vazio no céu entre as estrelas é necessário para que cada uma delas tenha seu brilho separadamente. Então, cada vazio entre um trecho e outro, exalta a beleza de cada excerto. “Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. O que sinto é (sem que eu queira) sentido para se escrever que se sentiu. De tanto recompor-me, destruí-me. De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu” (PESSOA, 2016, p. 407). O vazio tornou-se ele mesmo, ele se tornou o livro. “[...] escreve uma narrativa que é a própria obra e produz, por sua vez, as outras metamorfoses dele mesmo que são os diversos ‘Eus’ cujas experiências ele conta” (BLANCHOT, 2016, p. 21, grifos do autor).

“A encenação abismal do Eu, como ausência radical de si mesmo e do mundo, foi tentada, exemplificada, escrita, foi nesse ficto-realíssimo <<Livro do Desassossego>>” (LOURENÇO, 1981, p. 86, grifos do autor). Desse modo, o processo de criação é “aquilo que acontece com o artista e ele mesmo, ninguém de fora pode intervir; é secreto, é como a paixão que nenhuma autoridade exterior pode julgar nem compreender”. Ninguém entenderá completamente em que circunstâncias a obra se tornou ou se formou fragmentária. “[...] e o mais alto parece ser a tormenta da impetuosidade criadora, cuja razão se desconhece” (BLANCHOT, 2016, p. 42-43).

Eduardo Lourenço discorre que “em *prosa* significa, segundo a indicação explícita do próprio Pessoa, em *menos mentira*, consubstancial a toda a expressão poética” (LOURENÇO, 1981, p. 86, grifos do autor). Entretanto, essa *prosa* não é linear e o livro é contraditório em relação a isso. *Menos mentira* não quer dizer que a verdade está presente em alguma passagem do livro. “É esta a minha crença, esta tarde. Amanhã de manhã já não será esta, porque amanhã de manhã já serei outro” (PESSOA, 2016, p. 343).

Ninguém deve ser mais sincero que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sobras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita. É preciso ser superficial para não faltar com sinceridade, grande virtude que exige também a coragem. A profundidade tem suas vantagens. Pelo menos, a profundidade exige a resolução de não manter o juramento que nos liga a nós mesmos e aos outros por meio de alguma verdade (BLANCHOT, 2016, p. 271).

Essas asserções de Blanchot destoam em relação à colocação de que o *Livro do Desassossego* é um diário. Porque como no próprio livro consta, ele não é sincero em todos os momentos, às vezes, ele supõe que é. Outro provável argumento para isso é que o livro também não é superficial. A vantagem de Pessoa, exatamente como Blanchot enuncia, é não ter compromisso com a verdade por ser profundo. E a publicação do *Livro do Desassossego*, para Coelho, pode ser um “gesto de cepticismo, ou saturação”, pois da arca de Pessoa ainda serão retirados inúmeros trechos que não acrescentam na imagem do autor, e sim diminuem sua imagem pela “abusiva exposição de obras que o não chegaram a ser” (1984, p. 21).

Em relação a isso, emenda-se uma colocação de Blanchot. Ao ver do teórico o livro é a possibilidade do mundo e assim ele age no mundo. “[...] não apenas o poder de fazer, mas esse grande poder de fingir, de trapacear e de enganar de que toda obra de ficção é o produto, tanto mais evidente quanto mais esse poder estiver ali dissimulado” (BLANCHOT, 2016, p. 138). E no *Livro do Desassossego*, tudo se passa, “como se Fernando Pessoa, sob a mal fingida máscara de Bernardo Soares, retirasse toda a ficção às suas ficções” (LOURENÇO, 1981, 86-87).

Em meio a essas assertivas, reafirma-se que a obra fragmentária não é um quebra-cabeça que pode ser montado. São peças diferentes, com formatos distintos. E que, juntando-as, não se pode chegar a uma resolução. Então, quanto mais se vê

a transfiguração de Pessoa, se torna mais complexa a compreensão de sua verdadeira face poética. E, na precariedade da heteronímia, Fernando Pessoa é todos. Fernando Pessoa é nenhum.

É importante salientar que “a literatura não é uma simples trapaça, é o perigoso poder de ir em direção àquilo que é, pela infinita multiplicidade do imaginário”. E assim encontram-se “a diferença entre o real e o irreal, o inestimável privilégio do real, é que há menos realidade na realidade, pois ela é apenas a irrealidade negada [...]” (BLANCHOT, 2016, p. 140). A realidade no texto literário não é revelada. E a não classificação do texto, como no *Desassossego*, a torna mais distante do real.

Invejo – mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nessas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho a dizer (PESSOA, 2016, p. 291).

Teresa Rita Lopes (2013), estudiosa acerca da poética de Fernando Pessoa, inaugura suas reflexões em seu texto “Desassossegos Pessoaanos”, enfatizando: “[...] meu caro Fernando! Você disse querer ser um ‘indisciplinador de almas’..., mas eu acho que ‘desassossegador’ vai melhor com essa sua inclinação prás travessuras que poucos lhe conhecem. E é pena, porque perdem uma das suas mais saborosas facetas...”. As travessuras podem ser representadas pelos heterônimos criados por Pessoa. Mas, o termo “desassossegador” pode ser relacionado com o livro, com o semi-heterônimo, ou com o sentimento ao ler seus fragmentos (p. 1, grifos da autora).

Silvina Rodrigues Lopes (1984), para a revista *Colóquio Letras*, elabora dois artigos. “A ficção da memória e a inscrição do esquecimento no *Livro do Desassossego*” e “Des-figurações (sobre o *Livro do Desassossego*)”. A crítica, em seu primeiro texto, dialoga acerca da “não-classificação” do livro. “Mas pretendendo-se narração de uma <<autobiografia sem factos>>, de uma <<história sem vida>>”. Isso se dá pela “escrita do fragmentário. [...] entre um fragmento e outro se passam por vezes meses ou anos, intervalo durante o qual se esquece, retomando-se depois como se nada tivesse sido esquecido. Escrever é virar a página e recomeçar” (p. 19, grifos da autora).

O *Livro* foi elaborado durante, ao menos, vinte anos. Os primeiros fragmentos são datados em 1913. E os últimos em 1934. O sentimento de desassossego se transfigura nisso também. Em como, mesmo com lacunas não preenchidas, e muitas vezes palavras “estrangeiras”, transmitem no todo esse sentir. Sentir-se desassossegado. Só que esse todo, não é um livro. É a vida ficcional dos autores desses excertos. Escritos, talvez singularmente, quando o *Desassossego* revivia.

“E este livro é um gemido. Escrito ele já o *Só* não é o livro mais triste que há em Portugal” (PESSOA, 2016, p. 59, grifos do autor). O *Livro do Desassossego*, por conseguinte, exhibe que “Bernardo Soares sofre não só porque os outros escrevem, mas também porque não consegue, devido à inexistência de sua operação crítica”, escrever textos em prosa (MARGARIDO, 1984, p. 86). Lopes (1984, p. 20, grifos da autora) complementa que “nesse livro o fragmentário acontece por desastre, por impossibilidade de fazer de outro modo, porque o <<eu>> que se diz são fragmentos de ficções diversas”. Provavelmente as diversas ficções e fragmentos de Fernando Pessoa ortônimo.

Claudia Franco Souza em seu projeto de doutoramento enfatiza que “a elaboração e a escrita do *Livro do Desassossego* demonstra a fragmentação da consciência, da individualidade, fragmentação está marcada no próprio fluxo do texto, um texto fragmentado em busca de um autor”. Desse modo, não se pode esquecer que o ortônimo ao desenvolver “o **Livro do Desassossego**, pensou primeiramente em assinar com seu próprio nome, depois deixou esta tarefa para Vicente Guedes e após 1929 decidiu que Bernardo Soares seria o autor deste projeto” (2013, p. 5, grifos da autora).

Lopes (1984, p. 64), propõe que:

Na escrita de Fernando Pessoa/Bernardo Soares, a consciência de uma reversibilidade no campo do visível (a possibilidade de ser olhando por outros corpos, coisas) e o fascínio/medo do exterior que ela implica, distingue-se do problema da visão enquanto possibilidade em transformar o visível em visto. Há um tipo de visão que vê significados, ela é a negação da vida, negação do movimento, o seu produto é o retrato físico e psicológico, é morte.

A negação da vida é também negação do livro, a negação da realidade no que está escrito. E desvendar as escrituras seria a morte. Desmistificar os sentimentos ali transfigurados seria torná-lo um livro. E ser um livro não é construtivo

no caso do *Desassossego*. Ser desmitificado é uma problemática irremediável. Então, negar é mostrar significados que podem ou não existir. É ser notado. Mas não visto.

Na leitura do *Livro do Desassossego* “a vida é oposta à morte, mas a vida é também, desde sempre, uma forma de morte; o sonho é irreal, mas mais real do que a dita realidade [...]” (MEDEIROS, 2015, p. 16). Os assombramentos, fantasmas e até mesmo as contradições estão presentes na poética de Fernando Pessoa. E diversos críticos chamam os heterônimos de Pessoa de fantasmas. Entretanto, essa relação se dá também no *Livro*. Relata Paulo de Medeiros (2015, p. 28) em seu livro *O silêncio das sereias: ensaio sobre o Livro do Desassossego*:

Torna-se possível compreender-se mais nitidamente a importância da figura do fantasma no Livro do Desassossego e na escrita de Pessoa. Por um lado, é a escrita de Pessoa, é esse texto singular e múltiplo, singular por ser tão expressivamente múltiplo, que se pode ver como um fantasma, regressando sempre para assombrar com sua força poética e com a sua lógica implacavelmente paradoxal.

Contudo, configurar-se um não-livro, no caso do *Desassossego*, é demonstrar que “[...] a literatura não é algo que se dê num espaço exterior ao mundo, ela é o fora, esse não lugar sem intimidade, sem mundo interior oculto”. E, nesse lugar “[...] o artista é aquele que perdeu o mundo e que também se perdeu, uma vez que não pode mais dizer *Eu*” (LEVY, 2011, p. 29-30, grifos da autora). O autor do *Livro* se escondeu ao meio de seus fragmentos. E, o *Livro*, desapareceu também. O onírico está nos fantasmas ou nas máscaras. Estes, fixados em torno da poética do *Livro do Desassossego*.

Porventura, “[...] a literatura não se fixa a nada, nem a um espaço – exterior ou interior -, nem a um tempo, nem a um sujeito. Sua fala é essencialmente errante, móvel, nômade; ela se coloca sempre fora de si mesma”. Fernando Pessoa exteriorizou-se, de tal maneira, nessa obra e em sua poética, que se viu estrangeiro. “Desdobrar-se, substituir a intimidade do sujeito pelo fora da linguagem, eis o projeto moderno da literatura” (LEVY, 2011, p. 30). Este que Pessoa/Soares, aderiu de forma tão impetuosa. E que dentro da multiplicação do *Livro*, externou tudo e nada.

### **3 O LIVRO DO DESASSOSSEGO COMO METONÍMIA DA OBRA INCOMPLETA E FRAGMENTÁRIA DE FERNANDO PESSOA: RELAÇÃO DO SENTIMENTO DE DESASSOSSEGO NO LIVRO E NOS ESCRITOS ÍNTIMOS E DE REFLEXÃO PESSOAL**

Para possibilitar esta leitura comparativa, recortamos quatro excertos do *Livro do Desassossego*. Todos os manuscritos desses fragmentos foram deixados por Fernando Pessoa com a descrição “L. do D”. Isso simboliza que eles seriam destinados ao *Livro*. Essa distinção se faz fundamental. Pois, como Fernando Pessoa não pode publicá-lo, os críticos buscaram escolher os fragmentos que “encaixavam” na temática da obra. Com isso, é possível que diversos textos presentes nela não sejam dela.

Ao selecionarmos os fragmentos, optamos pelos datados a partir de 1929. Primeiramente, porque a partir dessa data o *Livro* passa a ser da autoria de Bernardo Soares, como já mencionamos no capítulo anterior. E, só assim, poderíamos constituir uma aproximação entre a poética semi-heterônima e ortônima. Ademais, enfatizamos a relevância em escolher a versão crítica organizada por Jerónimo Pizarro. Isso se fundamenta, por ela dispuser de datas nos excertos, separação em duas fases – a de Vicente Guedes e a de Bernardo Soares. E, também, ser a edição mais recente do *Livro do Desassossego*.

Em relação aos escritos íntimos e de reflexão pessoal e textos de auto-análise de Fernando Pessoa – ele mesmo – selecionamos seis trechos com datas anteriores aos recortes do livro. Isso se ampara, pela tese de que o ortônimo previamente escreveu como reflexão e posteriormente ficcionalizou em seu semi-heterônimo. Essa pode ser uma das maneiras, na qual, se constituiu o livro mais triste de Portugal.

Em vista disso, o sentimento de *Desassossego* permeia toda a escrita do romance. E ele pode ser justificado por inúmeros motivos, que foram listados nos capítulos anteriores. Ser ficção, ser múltiplo, a modernidade, e a despersonalização de Pessoa são alguns deles. Sendo assim, a comparação dos fragmentos será baseada na semântica desse substantivo. Em como, por meio do *Desassossego*, Bernardo Soares – sendo um semi-heterônimo, está mais próximo ou mais afastado da personalidade onírica de Fernando Pessoa.

### 3.1 O DESASSOSSEGO DA REFLEXÃO PESSOANA FICCIONALIZADO NA POÉTICA SOAREANA

Fernando Pessoa compôs intermináveis textos, entre eles muitos escritos íntimos e de auto-análise, nos quais, o sentimento de desassossego está na epiderme. Em uma dessas composições, com data provável de 1910, ele reflete a respeito de que espécie de homem é. E, o substantivo desassossego não está presente fisicamente, mas permeia todas as palavras ali ditas.

Cumpre-me agora dizer que espécie de homem sou. Não importa o meu nome, nem quaisquer outros pormenores externos que me digam respeito. É acerca do meu carácter que se impõe dizer algo. Toda a constituição do meu espírito é de hesitação e dúvida. Para mim, nada é nem pode ser positivo; todas as coisas oscilam em torno de mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. Tudo para mim é incoerência e mutação. Tudo é mistério, e tudo é prenhe de significado. Todas as coisas são «desconhecidas», símbolos do Desconhecido. O resultado é horror, mistério, um medo por demais inteligente (PESSOA, 1966, p. 17)

Por meio dessas asserções, Pessoa se considera um mistério, duvida de quem realmente é. Desconhecer-se é um desassossego para ele. Em outro escrito de reflexão pessoal o ortônimo elucida que sua perspectiva sempre está em movimento. E, com essa habilidade ele realiza a escrita de sua poética.

Mas eu não tenho princípios. Hoje defendo uma coisa, amanhã outra. Mas não creio no que defendo hoje, nem amanhã terei fé no que defenderei. Brincar com as ideias e com os sentimentos pareceu-me sempre o destino supremamente belo. Tento realizá-lo quanto posso (PESSOA, 1966, p. 64).

E, de certa forma, essas inquietações são análogas as de Bernardo Soares enquanto escreve o *Livro*. Assim, se pode relatar que no ortônimo ao sentir-se desassossegado transforma-se em ficção no semi-heterônimo. Em 1930, o excerto 303 do *Livro* transmite isso. Soares discorre a respeito de seu romance e o descreve como um “livro de impressões sem nexos” (PESSOA, 2016, p. 379). Sentindo que a monotonia o cerca.

Sinto que, ainda ao dizer que sou sempre diferente, disse sempre a mesma coisa; que sou mais análogo a mim mesmo do que quereria confessar; que, em fecho de contas, nem tive a alegria de ganhar nem a emoção de perder. Sou uma ausência de saldo de mim mesmo, com um equilíbrio involuntário que me desola e enfraquece (PESSOA, 2016, p. 379).

O semi-heterônimo, assim como o ortônimo se desconhece. A monotonia se transfigura em inquietação, em não querer o mesmo, em não querer ser análogo a si mesmo, quando nem sabe quem realmente é. Em Fernando Pessoa, essa inquietação não precisa ser legitimada em textos ortônimos. Ela se justifica por si própria diante de toda a obra poética do escritor. Contudo, o ortônimo não deixa de registrá-la:

Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar; sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinárias, inexpulsáveis associações de ideias cujo termo era o infinito. Não posso evitar o ódio que os meus pensamentos têm a acabar seja o que for; uma coisa simples suscita dez mil pensamentos, e destes dez mil pensamentos brotam dez mil interassociações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central em que se percam os pormenores sem importância mas a eles associados (PESSOA, 1966, p. 17).

Não conseguir escrever reflexões em prosa, como alegado no capítulo anterior, advém de Bernardo Soares. Entretanto, Pessoa também afirma isso. Permeado por pensamentos e ideias infinitas, seus escritos também ficam por acabar. Isso se funda, de certo modo, pela ideia de “eu como ficção” que Eduardo Lourenço (2015) nos apresenta.

No ver do semi-heterônimo os fragmentos mostram que: “Tudo, quanto escrevi, é pardo. Dir-se-ia que a minha vida, ainda a mental, é um dia de chuva lenta, em que tudo é desacontecimento e penumbra, privilégio vazio e razão esquecida. Desolo-me a seda rota. Desconheço-me a luz e tédio” (PESSOA, 2016, p. 379). O desassossego se revela também ao escrever. É a melancolia, o lamentar sobre a vida. E ele chega novamente no ser, no sujeito Soares.

Meu esforço humilde, de sequer dizer quem sou, de registrar, como uma máquina de nervos, as impressões mínimas da minha vida subjetiva e aguda, tudo isso se me esvaziou como um balde em que esbarrassem, e se molhou pela terra como a água de tudo. Fabriquei-me a tintas falsas, resultei a império de trapeira. Meu coração, de quem fiei os grandes acontecimentos da prosa vívida, parece-me hoje, escrito na distância destas páginas relidas com outra alma, uma bomba de quintal de província, instalada por instinto e manobrada por serviço. Naufraguei sem tormenta num mar onde se pode estar de pé (PESSOA, 2016, p. 379).

Essas assertivas da personagem de Pessoa nos dirigem ao conceito de heteronimismo que o ortônimo elaborou. Isso é enfatizado quando Soares declara

que se fabricou de “tintas falsas”. Dessa maneira, se viabiliza ecoar a respeito de como “ser múltiplo” foi um desassossego para Fernando Pessoa. A vida do ortônimo foi subjetiva e no *Livro* o semi-heterônimo firma que a dele também. Dessarte, ao contrapormos os pensamentos literários soareanos, encontramos novamente parecenças com os pessoanos:

Pelas minhas tendências naturais, pelas circunstâncias que rodearam o alvor da minha vida, pela influência dos estudos feitos sob o seu impulso (estas mesmas tendências) — por tudo isto o meu carácter é do género interior, autocêntrico, mudo, não auto-suficiente mas perdido em si próprio. Toda a minha vida tem sido de passividade e sonho. Todo o meu carácter consiste no ódio, no horror da e na incapacidade que impregna tudo aquilo que sou, física e mentalmente, para actos decisivos, para pensamentos definidos. Jamais tive uma decisão nascida do auto-domínio, jamais traí externamente uma vontade consciente (PESSOA, 1966, p. 17).

A consciência não é encontrada por Pessoa. Ele sente ódio de seu carácter e angústia ao ser quem é. Mas isso, como ele mesmo declarou, é uma tendência natural em sua vida. Ele não encontra mentalmente o domínio de suas emoções e de sua escrita. Nada é realizado por ele conscientemente. Por conseguinte, Bernardo Soares partilha do mesmo sentimento que seu criador. Dessa forma, questiona a si próprio:

E pergunto ao que me resta de consciente nesta serie confusa de intervalos entre coisas que não existem, de que me serviu encher tantas páginas de frases em que acreditei como minhas, de emoções que senti como pensadas [...]. Pergunto ao que me resta de mim a que vem estas páginas inúteis, consagradas ao lixo e ao desvio, perdidas antes de ser entre os papeis rasgados do Destino. Pergunto, mas prossigo. Escrevo a pergunta, embrulho-a em novas frases, desmeando-a de novas emoções (PESSOA, 2016, p. 379-380).

O semi-heterônimo também se inquieta e tenta encontrar a consciência dentro de sua ficção. Descobre que ela não existe. Transportar a vida para o papel fez com que ele esvaziasse o coração. Assim, Soares não se considera mais ele mesmo, e sim outra alma. É como se tudo que ele escreveu fosse algo de outrem, é como se aqueles fragmentos do *Livro* não existissem em seu consciente.

Conforme citamos no segundo capítulo, para Teresa Rita Lopes Fernando Pessoa é um desassossegador de almas. E, nesse instante se vê que o *Livro do Desassossego* é o desassossegador da alma de Soares. Porque ele ao escrever transborda esse sentimento. Sente-se tão angustiado que continua a transpor seus

sentimentos em palavras. Por mais que considere os fragmentos refugo, lixo. Ele retoma a escrita: “tornarei a escrever, na sequência do meu livro estúpido, as impressões diárias do meu desconhecimento com frio. Sigam, tais como são” (PESSOA, 2016, p. 380).

Fernando Pessoa ao raciocinar acerca de sua poética e de si mesmo, mergulha em seus pensamentos e percebe que eles apenas perpassam dentro dele.

[...] não são pensamentos meus, mas sim pensamentos que passam através de mim. Não pondero, sonho; não estou inspirado, deliro. Sei pintar mas nunca pinte, sei compor música, mas nunca compus. Estranhas concepções em três artes, belos voos de imaginação acariciam-me o cérebro; mas deixo-os ali dormir até que morrem, pois falta-me poder para lhes dar corpo, para os converter em coisas do mundo externo (PESSOA, 1966, p. 17).

Contudo, os pensamentos que Pessoa deixava morrer, podem ter revivido no *Livro do Desassossego*. Pois, se ele mesmo, não conseguia dar corpo a eles. Então com outra roupagem – de semi-heterônimo – poderia convertê-los em uma escrita ainda mais desassossegadora.

Escrito em 1930, o fragmento 260 nos traz uma primeira informação: “Trecho de um *Livro do Desassossego*, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa”. No final do texto, Fernando Pessoa assina o seu nome. Com isso, é plausível firmar que o sentimento disposto naquelas linhas é também, de alguma maneira, compartilhado por Pessoa.

Sofri em mim, comigo, as aspirações de todas as eras, e comigo passearam, à beira ouvida do mar, os **desassossegos** de todos os tempos. O que os homens quiseram e não fizeram, o que mataram fazendo-o, o que as almas foram e ninguém disse — de tudo isto se formou a alma sensível com que passei de noite à beira-mar (PESSOA, 2016, p. 335, grifos nossos).

O semi-heterônimo dispunha de uma alma sensível aos sentimentos. Sofrer as aspirações de todas as eras e de todos os tempos nos remete novamente ao sentido de ser múltiplo. Isso o aproxima ainda mais de Pessoa. Porque Soares destaca em seu fragmento que vive dentro de si os desassossegos de todos os homens. Esses homens seriam outras personagens dentro dele? E um semi-heterônimo consegue dentro de si conter outras personagens? “Somos quem não somos, e a vida é pronta e triste [...] Quem sabe sequer o que pensa, ou o que deseja? Quem sabe o que é para si mesmo?” (PESSOA, 2016, p. 336).

No primeiro capítulo, relatamos a problemática de Fernando Pessoa ser a ficção de si mesmo, transfigurando-se em 136 personas fictícias. Nesse momento, isso se revela *desassossegador* em Soares, por ele relatar que é quem não é. Ele não sabe o que pensa e nem o que deseja, não sabe quem ele realmente é. Possivelmente por ser vários, como seu criador, ou por ser o ortônimo tentando esconder seu sentir debaixo da máscara da ficção.

Quanto morro se sinto por tudo! Quanto sinto se assim vagueio, incorpóreo e humano, com o coração parado como uma praia, e todo o mar de tudo, na noite em que vivemos, batendo alto, chasco, e esfria-se, no meu eterno passeio noturno à beira-mar! (PESSOA, 2016, p. 336).

No fragmento 421, Soares reitera esse sentimento de se tornar outro. E se transformando, se multiplicando ele deixa de se compreender.

Mas ergo a cabeça para o céu azul alheio, exponho a face ao vento inconscientemente fresco, baixo as pálpebras depois de ter visto, esqueço a face depois de ter sentido. Não fico melhor, mas fico diferente. Ver-me liberta-me de mim. Quase sorrio, não porque me compreenda, mas porque, tendo-me tornado outro, me deixei de poder compreender. No alto do céu, como um nada visível, uma nuvem pequeníssima é um esquecimento branco do universo inteiro (PESSOA, 2016, p. 524).

Ser outro é também, para Pessoa, assistir a vida. “Procurei sempre ser espectador da vida, sem me misturar nela. Assim, a isto que se passa comigo, eu assisto como um estranho; salvo que tiro dos pobres acontecimentos que me cercam a volúpia suave de (...)” (PESSOA, 1966, p. 64). Desse modo, ele é estrangeiro em seus sentimentos, porque apenas vê o que acontece dentro de si e não se dispõe a viver eles, ou não pode. É apenas um mero telespectador de seu filme, e o roteiro é a heteronímia quem escreve.

Fernando Pessoa, em 1914, escreveu: “a única realidade para mim são as minhas sensações”. Assim, como Soares, o ortônimo sente. “Eu sou uma sensação minha. Portanto nem da minha própria existência estou certo. Posso está-lo apenas daquelas sensações a que eu chamo minhas” (1966, p. 220). Esses sentimentos, para Pessoa, podem ser dele, mas ele não sabe se ele mesmo existe. Da mesma maneira que Soares não compreende sua existência. Isto posto, o ortônimo enuncia suas cogitações a respeito da verdade.

A verdade? É uma coisa exterior? Não posso ter a certeza dela, porque não é uma sensação minha, e eu só destas tenho a certeza. Uma sensação minha? De quê? Procurar o sonho é pois procurar a verdade, visto que a única verdade para mim, sou eu próprio. Isolar-se tanto quanto possível dos outros é respeitar a verdade (PESSOA, 1968, p. 220).

A verdade é desassossegadora, porque ela está cada vez mais afastada da poética de Pessoa e de Soares. O escritor não consegue elucidar o que ela representa, nem em si como entidade ficcional, menos ainda como pessoa física. Como ele mesmo alude: “Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente são — como são para os outros. Sinto isto”. Todavia, o sentir é diversas vezes mencionado. Por mais que Pessoa não conseguisse encontrar sua verdadeira essência, ele não deixava de sentir. Porém, seus sentimentos se diferem dos outros e se aproximam cada vez mais dos de seu semi-heterônimo.

Bernardo Soares, no fragmento 321 do *Livro*, escrito em 1931, revive os olhares de Fernando Pessoa em relação aos questionamentos advindos de sua personalidade.

Não sei o que quero ou o que não quero. Deixei de saber querer, de saber como se quer, de saber as emoções ou os pensamentos com que ordinariamente se conhece que estamos querendo, ou querendo querer. Não sei quem sou ou o que sou. Como alguém soterrado sob um muro que se desmoronasse, jazo sob a vacuidade tombada do universo inteiro. E assim vou, na esteira de mim mesmo, até que a noite entre e um pouco do afago de ser diferente ondula, como uma brisa, pelo começo da minha inconsciência de mim (PESSOA, 2016, p. 405).

A semi-heteronímia institui na escrita soareana, uma peculiaridade pessoana. Ser um “drama em gente”. Isso se fundamenta, por Soares não se certificar de seus sentimentos. E enfatizar essas assertivas inúmeras vezes dentro de seu texto ficcional. Da mesma forma em que Pessoa se desconhece, o semi-heterônimo se vê em uma vacuidade e tem inconsciência de si.

Entretanto Soares, assim como Pessoa, também é contraditório. Em outro trecho do *Livro* ele fala que tem sentimentos, mas logo depois enfatiza que eles só são graves quando são fingidos.

Para alguns que me falam e me ouvem, sou um insensível. Sou, porém, mais sensível — creio — que a vasta maioria dos homens. O que sou, contudo, é um sensível que se conhece, e que, portanto, conhece a

sensibilidade. Ah, não é verdade que a vida seja dolorosa, ou que seja doloroso pensar na vida. O que é verdade é que a nossa dor só é séria e grave quando a fingimos tal. Se formos naturais, ela passará assim como veio, esbater-se-á assim como cresceu. Tudo é nada, e a nossa dor nele (PESSOA, 2016, p. 523-524).

Por meio dessas alegações do semi-heterônimo é possível indagar em qual lugar a verdade está instaurada em sua poética, igualmente como indagamos a sinceridade em Fernando Pessoa no primeiro e segundo capítulo. Contudo nenhum dos escritores sabe quando está sendo sincero. E, Pessoa, afirmar que “[...] sentimentos pertencem àqueles que têm uma opinião, ou uma profissão ou um objectivo na vida. Eu não tenho nada dessas coisas. Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas” (PESSOA, 1966, p. 64).

Toda a falta de consciência gera angústia, ansiedade e desassossego, que são instaurados na escrita dos dois poetas. Fernando Pessoa sofre de todos esses maus. Mas não gostaria de conviver com eles. Sonha poder dormir sem esses pesares.

Tomara poder desempenhar-me, sem hesitações nem ansiedades, d'este mandato subjectivo cuja execução por demorada ou imperfeita me tortura e dormir descansadamente, fosse onde fosse, plátano ou cedro que me cobrisse, levando n'alma como uma parcela do mundo, entre uma saudade e uma aspiração, a consciência de um dever cumprido (PESSOA, 1990, p. 48).

No entanto, esse sentimento é ilusão. Da mesma maneira que tudo é ilusão na obra do poeta. Ter sossego é apenas uma vontade, um clamor da alma. Porém, ele não acomete Pessoa. E como ele mesmo já mencionou a consciência não intervém em sua mente. Assim, o escritor se vê estagnado no mesmo sentir, sentir desassossego. Bernardo Soares expõe que essa glória ao não sentir nada é igualmente falsa para ele.

Antes que o estio cesse e chegue o outono, no cáldo intervalo em que o ar pesa e as cores abrandam, as tardes costumam usar um traje sensível de gloriola falsa. São comparáveis aqueles artifícios da imaginação em que as saudades são de nada, e se prolongam indefinidas como rastos de navios formando a mesma cobra sucessivas (PESSOA, 2016, p. 404).

Por conseguinte, os sentimentos que provém dessas reflexões nas duas poéticas são equivalentes. Primeiramente, no ortônimo, o tédio se configura na cólera, em não conseguir se expressar, em ficar estagnado. Porém, em outros momentos

ele demonstra todos esses pesares em abundância. Em vista disso, nos remetemos aos conceitos de vácuo e excesso Pessoa de Leyla Perrone-Moisés (1982). O vácuo em não conseguir sentir ou ser nada e o excesso em “sentir tudo de todas as maneiras” (PESSOA, 2012, p. 334). Fernando Pessoa exterioriza esses contrapontos ainda em 1914:

Mas dia a dia o que vejo em torno meu me aponta novos deveres, novas responsabilidades da m[inha] inteligência para com o meu senso moral. Hora a hora a (...) que escreve as sátiras surge colérica em mim. Hora a hora a expressão me falha. Hora a hora a vontade fraqueja. Hora a hora sinto avançar sobre mim o tempo. Hora a hora me conheço, mãos inúteis e olhar amargurado, levando para a terra fria uma alma que não soube contar, um coração já apodrecido, morto já e na estagnação da aspiração indefinida, inutilizada (PESSOA, 1990, p. 48).

Por mais que o ortônimo queira que sua alma sossegue, ela não o deixa descansar. Borbulham inúmeros fazeres e sentimentos, que como Merquior (1989) em seu artigo para *Colóquio Letras*, destacou, são inquietações do homem moderno. Na personagem fictícia, essas contradições surgem igualmente. E o tédio, agora, é protagonista. Porém, esse tédio transmite um mal-estar, um aborrecimento que faz com que a alma fique inquieta e cheia, como o mar.

Nessas tardes enche-me, como um mar em maré, um sentimento pior que o tédio mas a que não compete outro nome senão tédio — um sentimento de desolação sem lugar, de naufrágio da alma inteira. [...] E o universo sensível é para mim um cadáver que amei quando era vida; mas é tudo tornado nada na luz ainda quente das últimas nuvens coloridas. O meu tédio assume aspectos de horror; o meu aborrecimento é um medo. O meu suor não é frio, mas é fria a minha consciência do meu suor. Não há mal estar corpóreo, salvo que o mal estar da alma é tão grande que passa pelos poros do corpo e o resfria a ele também (PESSOA, 2016, p. 404).

Entretanto, o mar não pode transbordar, nem em Soares e nem em Pessoa. Por mais que a mente esteja imersa em todos os sentires sempre há espaço para mais um. Para mais ficção. E, o que resta é naufragar sem poder chorar.

Nem choro. Como chorar? [...]. Nada faço. [...]. Parece um cinismo supremo. Para comigo mesmo tenho um pudor em dizê-lo. [...]. Não falemos mais. As coisas que se amam, os sentimentos que se afagam guardam-se com a chave d'aquilo a que chamamos «pudor» no cofre do coração. A eloquência profana-os. A arte, revelando-os, torna-os pequenos e vis. O próprio olhar não os deve revelar (PESSOA, 1990, p. 48).

A arte, como Pessoa já escreveu, não pode revelar tudo, ela mente, se esconde e se reinventa a cada temática (PESSOA, 2012). Na citação anterior ele reitera esse pensamento. Pois, se a arte tangesse unicamente a verdade, ela tornaria os artistas vulneráveis. Então, se o *Livro do Desassossego* fosse totalmente de Pessoa ele deixaria o poeta desabrigado. Pessoa precisa das máscaras e vive coberto por elassem conseguir se despir. Entretanto, muito do ortônimo está contido na poética de Soares, mesmo que isso esteja parcialmente coberto pelo véu da semi-heteronímia.

Outra temática que se transfigura no semântico do desassossego é a morte. Ela tanto para Soares quanto para Pessoa se demonstra a única forma de fugacidade. Todavia ela é também medo. Estar vivo é a metáfora do sofrimento, mas morrer não é a salvação para isso. Fernando Pessoa transpõe em palavras essa temática alegando que cada vez vive mais só, mais abandonado, mais isolado do mundo e de si mesmo. Entretanto, não consegue se desvencilhar da presença metafísica da vida. Mesmo que esta seja inundada de infelicidade e de angústia.

Cada vez estou mais só, mais abandonado. Pouco a pouco quebram-se-me todos os laços. Em breve ficarei sozinho. O meu pior mal é que não consigo nunca esquecer a minha presença metafísica na vida. De aí a timidez transcendental que me atemoriza todos os gestos, que tira a todas as minhas frases o sangue da simplicidade, da emoção directa (PESSOA, 1966, p. 26).

A escrita soareana nos apresenta parecenças com a de pessoa, nesse aspecto também. Para o semi-heterônimo estar vivo é uma angústia aterrorizante. Mas, morrer também o é. Não há como se esquivar do desassossego que é viver ou morrer. Assim, ele se intitula como vazio. Como quem não atinge uma vida sem o tédio, sem a angústia e não consegue se entregar a morte. Ele fica estagnado, no meio do percurso, não distingue o que é menos assustador, ir ou parar.

É tão magno o tédio, tão soberano o horror de estar vivo que não concebo que coisa haja que pudesse servir de lenitivo, de antídoto, de balsamo ou esquecimento para ele. Dormir horroriza-me como tudo. Morrer horroriza-me como tudo. Ir e parar são a mesma coisa impossível. Esperar e descrever equivalem-se em frio e cinza. Sou uma prateleira de frascos vazios (PESSOA, 2016, p. 404).

O tédio se faz protagonista ao escrever o *Livro*. “Escrevo isto sob a opressão de um tédio que parece não caber em mim, ou precisar de mais que da minha alma

para ter onde estar;” Enquanto Pessoa sob a personalidade de Soares datilografa os fragmentos da obra, ele mostra estar inundado de tudo o que o título dela representa. “[...] de uma opressão de todos e de tudo que me estrangula e desvaira; de um sentimento físico da incompreensão alheia que me perturba e esmaga” (PESSOA, 2016, p. 524).

Todavia, a incompreensão do mundo e das pessoas ao seu redor o deixa perturbado. À vista disso, ele se isola em seus mais de vinte e cinco mil manuscritos. Em sua obra inacabada e inacabável, como firma Blanchot (2016). Revisitando os escritos íntimos do poeta constatamos que ele já havia refletido a respeito dessas questões em 1910.

Pertenço a uma geração que ainda está por vir, cuja alma não conhece já, realmente a sinceridade e os sentimentos sociais. Por isso não compreendo como é que uma criatura fica desqualificada, nem como é que ela o sente. É oca de sentido, para mim, toda essa (...) das conveniências sociais. Não *sinto* o que é honra, vergonha, dignidade. São para mim, como para os do meu alto nível nervoso, palavras de uma língua estrangeira, como um som anônimo apenas (1966, p. 64).

Por meio, dessas afirmativas do ortônimo, realizamos uma ligação entre “geração que ainda está por vir à obra de Blanchot *O livro por vir* (2016). No caso de Pessoa, estar por vir pode se referir ao sujeito moderno, conforme elucidamos no primeiro capítulo desta pesquisa. E em Blanchot constatamos que ele se reporta ao livro moderno. Contudo, quem estava por vir era o *Livro do Desassossego*, a ficção de toda a reflexão pessoana. O que também nos remete ao conceito de não-livro abordado por Jerónimo Pizarro (2016) no prefácio do *Desassossego*.

A sinceridade não poderia ser abordada no *Livro* por completa. Porque, como Pessoa firmou na citação anterior, ele não a conhecia mais. Então, o *Livro* não consegue ser um diário. Como já comentamos no segundo capítulo, embasando-nos na teoria de Blanchot (2016), um autor de diário deve ser sincero e transparente. Essas características não são pertencem ao ethos da poética de Fernando Pessoa. Assim, retomamos a Pêgo (2007), na questão da sinceridade-insinceridade. Como vimos nas comparações de fragmentos e textos autorreflexivos, é possível haver sinceridade no *Desassossego*. Mas ela está encoberta pela semi-heteronímia de Bernardo Soares o que traz à tona a insinceridade também.

Todavia, conforme Blanchot (2016) enuncia: não ser sincero e não ter

compromisso com a verdade é positivo. Porque é assim que Pessoa é profundo. É dessa maneira que sua poética se enriquece em drama, em ficção, em angústia, em desassossego. E, com tudo isso, conseguimos aproximar a personalidade literária Bernardo Soares, o semi-heterônimo, com a de Fernando Pessoa, o ortônimo. Constatando que o *Livro do Desassossego* é a metonímia da obra incompleta e fragmentária de Fernando Antônio Nogueira Pessoa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta pesquisa, dialogamos com a poética do *Livro do Desassossego* (2016), que Bernardo Soares, semi-heterônimo de Fernando Pessoa, detém a maior parte de sua autoria, com textos autorreflexivos e autobiográficos do ortônimo. Aproximando o pensamento literário soareano com o pessoano, no campo semântico da palavra “desassossego”, a qual, permeia toda a escrita dos textos e fragmentos recortados. Evidenciando, assim, o que constitui um semi-heterônimo e até que ponto é possível relacioná-lo com a poética do ortônimo.

No primeiro capítulo constatamos em como Pessoa é ficção de si mesmo, e os motivos pelos quais ele foi intitulado “drama em gente”. Assim, por meio de sua despersonalização em 136 personagens, ele se tornou estrangeiro em sua poética. Pela problemática da heteronímia e semi-heteronímia a sinceridade e a insinceridade se fazem presentes em seus escritos. Outro fundamento disso é a modernidade, o poeta detinha muitas das aptidões do escritor moderno.

O esclarecimento da problemática da autoria do *Livro do Desassossego* também foi fundamental para este trabalho. Porque com a elucidação de que Bernardo Soares é, como denominado por Fernando Pessoa, o autor da maior parte do *Livro*, se tornou viável recortar os trechos a partir de 1929 para a leitura final.

À frente disso, outro ponto indispensável foi tratar da fragmentação do texto que se configura um não-livro. Pois o *Livro* é composto por fragmentos com temáticas diferentes e escritos em datas distintas, que todos juntos transmitem o sentimento de desassossego. Por meio disso, constatamos que Bernardo Soares não conseguia escrever em prosa. Pessoa afirmou que é mais difícil de se outrar em prosa. Assim percebemos que Soares ao tentar escrever nesse gênero, constrói textos inacabados.

Então, no terceiro capítulo recortamos quatro trechos do *Livro do Desassossego* e selecionamos seis escritos de reflexão pessoal. Assim, contrapomos os textos a partir da semântica da palavra “desassossego” e encontramos parecenças entre o semi-heterônimo ortônimo. Fernando Pessoa primeiramente refletiu sobre essa temática e depois ficcionalizou em sua obra desassossegadora com sua máscara mais transparente – a de Bernardo Soares.

Contudo, é possível afirmar que o *Livro do Desassossego* é a metonímia da obra incompleta e fragmentária de Fernando Pessoa.

## REFERÊNCIAS

- BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa**: outra vez te revejo. 1. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- COELHO, Jacinto do P. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. 4. ed. Lisboa: Editorial verbo, 1973.
- COELHO, Eduardo P. **A mecânica dos fluidos**: literatura, cinema, teoria. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- GASPARE, Trapani. Percursos do <<eu>> quebrado. In: **Revista Colóquio Letras**. Ensaio nº 184, set. dez. 2013, p. 91-104.
- LEVY, Tatiana S. O mundo desdobrado: a paixão do fora em Blanchot. In: LEVY, Tatiana S. **A experiência do Fora. Blanchot, Foucault e Deleuze**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa revisitado**. Leitura estruturante do drama em gente. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1981.
- LOURENÇO, Eduardo. Pessoa ou o eu como ficção. In: **Metamorfoses**. Vol. 13, p. 73-78, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Poesia e metafísica**: Camões, Antero, Pessoa. Lisboa: Gradiva, 2002.
- LOPES, Silvina Rodrigues. A ficção da memória e a inscrição do esquecimento no «Livro do Desassossego». In: **Revista Colóquio Letras**. Ensaio, n.º 77, jan. 1984, p. 19-26.
- \_\_\_\_\_. Des-figurações (sobre o «Livro do Desassossego»). In: **Revista Colóquio Letras**. Ensaio, n.º 102, mar. 1988, p. 61-67.
- LOPES, Teresa Rita. **Desassossegos Pessoaanos**. Congresso Internacional Fernando Pessoa. Lisboa, 2013. Disponível em: <[http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/teresa\\_rita\\_lopes.pdf](http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/teresa_rita_lopes.pdf)> Acesso em 12 jun. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Pessoa por Conhecer** - Textos para um Novo Mapa. 1. ed. Lisboa: Estampa, 1990.
- LITERATURA Fundamental 37 - Seis personagens à procura de um autor - Maurício Santana Dias. São Paulo: UNIVESP, 2014. (27 min.), Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eL8w3j2f7Bs>>. Acesso em: 5 maio 2014.

MARGARIDO, Alfredo. Bernardo Soares: escrever é existir. In: **Revista Colóquio Letras**. Ensaio, n.º 88, nov. 1985, p. 78-87.

MATTIA B. R.; ZANDONÁ J. Fernando Pessoa e a ficção heteronímica: o drama do poeta ou o poeta do drama. **Revista Versalete**, Curitiba, Vol. 3, nº 5, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-05/188BiancaMattiaPRONTO.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

MEDEIROS, Paulo de. **O silêncio das sereias**. Ensaio sobre o Livro do Desassossego. 1. ed. Lisboa: Tinta da China, 2015.

MERQUIOR, José Guilherme. **O lugar de Pessoa na poesia moderna**. In: Revista Colóquio Letras. Ensaio, n.º 108, Mar. 1989, p. 27-41. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=108&p=27&o=p>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

MICHAEL, Joachim. A heteronímia de Fernando Pessoa: literatura plurilíngue e translacional. In: **Periódicos UFSC**, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/2175-7968.2014v3nespp160/27931>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

MOISÉS, Leyla P. **Alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1982.

PESSOA, Fernando. **Cartas a Armando Cortês-Rodrigues**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

\_\_\_\_\_. **Ficções do Interlúdio**. 1. ed. Lisboa: Manancial, 1975.

\_\_\_\_\_. **Livro do Desassossego**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Livro do Desassossego**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Banqueiro Anarquista**. 1. ed. Lisboa: Ulmeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Páginas de estética e de teoria literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966.

\_\_\_\_\_. Teoria da Heteronímia. 1. ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 2012.

\_\_\_\_\_. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) 1. ed. Lisboa: Ática, 1966.

\_\_\_\_\_. **Textos Filosóficos**. Vol. II. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) 1. ed. Lisboa: Ática, 1968.

PÊGO, Marisa I. M. **Unidade Múltipla de Bernardo Soares**. 1. ed. Lisboa: Centro de literatura portuguesa, 2007.

PIRANDELLO, Luigi. **Seis personagens à procura de um autor**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

PIZARRO, Jerónimo. **Pessoa Existe?** 1. ed. Lisboa: Ática, 2012.

\_\_\_\_\_. Apresentação do Livro do Desassossego. In: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

\_\_\_\_\_. Os muitos desassossegos. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Vol. 36, nº. 55, p.11-27, 12 jan. 2017. Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.36.55.11-27>>. Acesso em: 26 out. 2018.

PORTELA, Manuel; SILVA, António R. **Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego**. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <<https://ldod.uc.pt/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

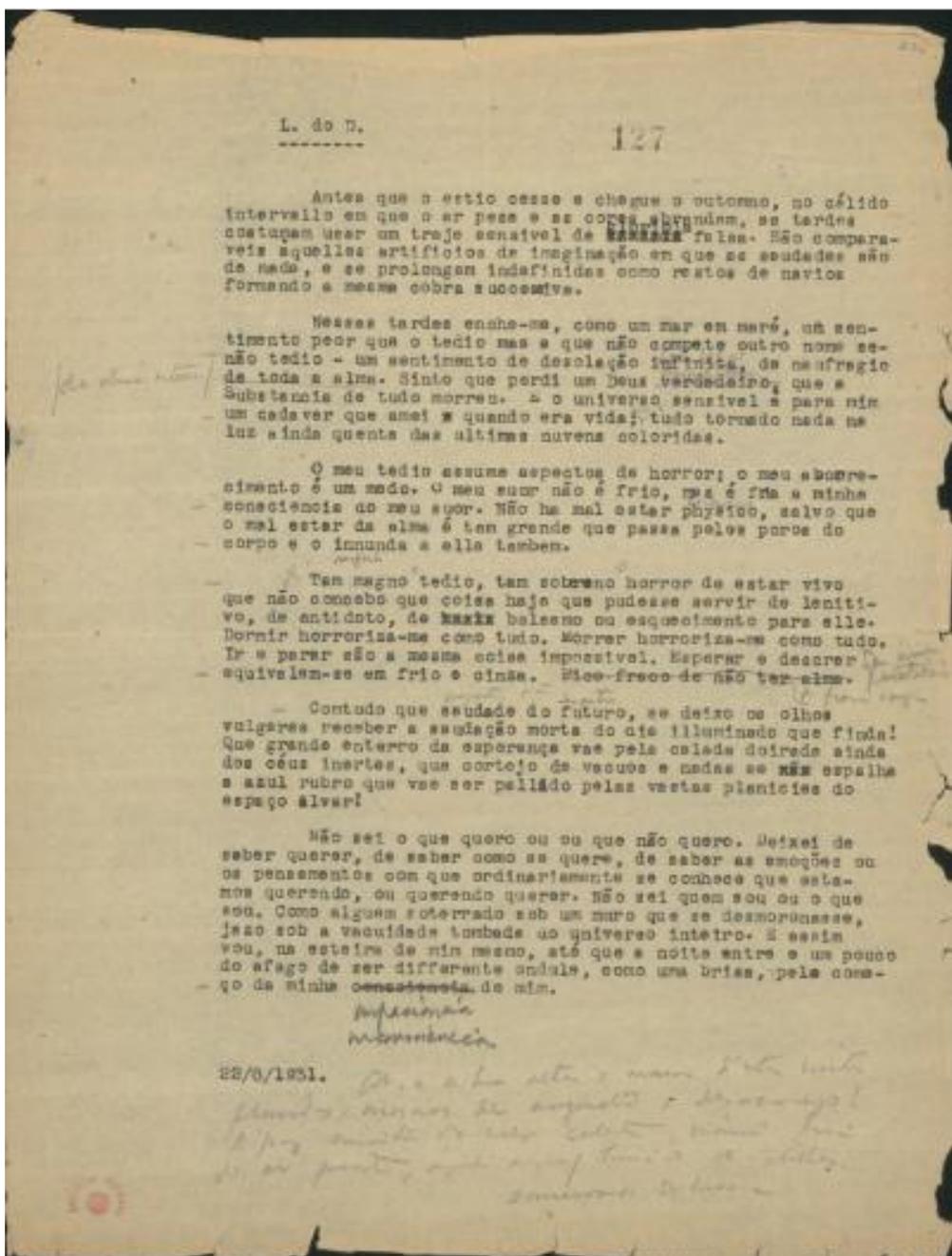
SOARES, Cláudia Franco. **Fernando Pessoa e o Romantismo Alemão**. Projeto de pós-doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013-2017. Disponível em: <[http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posdoc/projetos/claudia\\_franco\\_souza\\_posdoc.pdf](http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posdoc/projetos/claudia_franco_souza_posdoc.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

ZENITH, Richard. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.



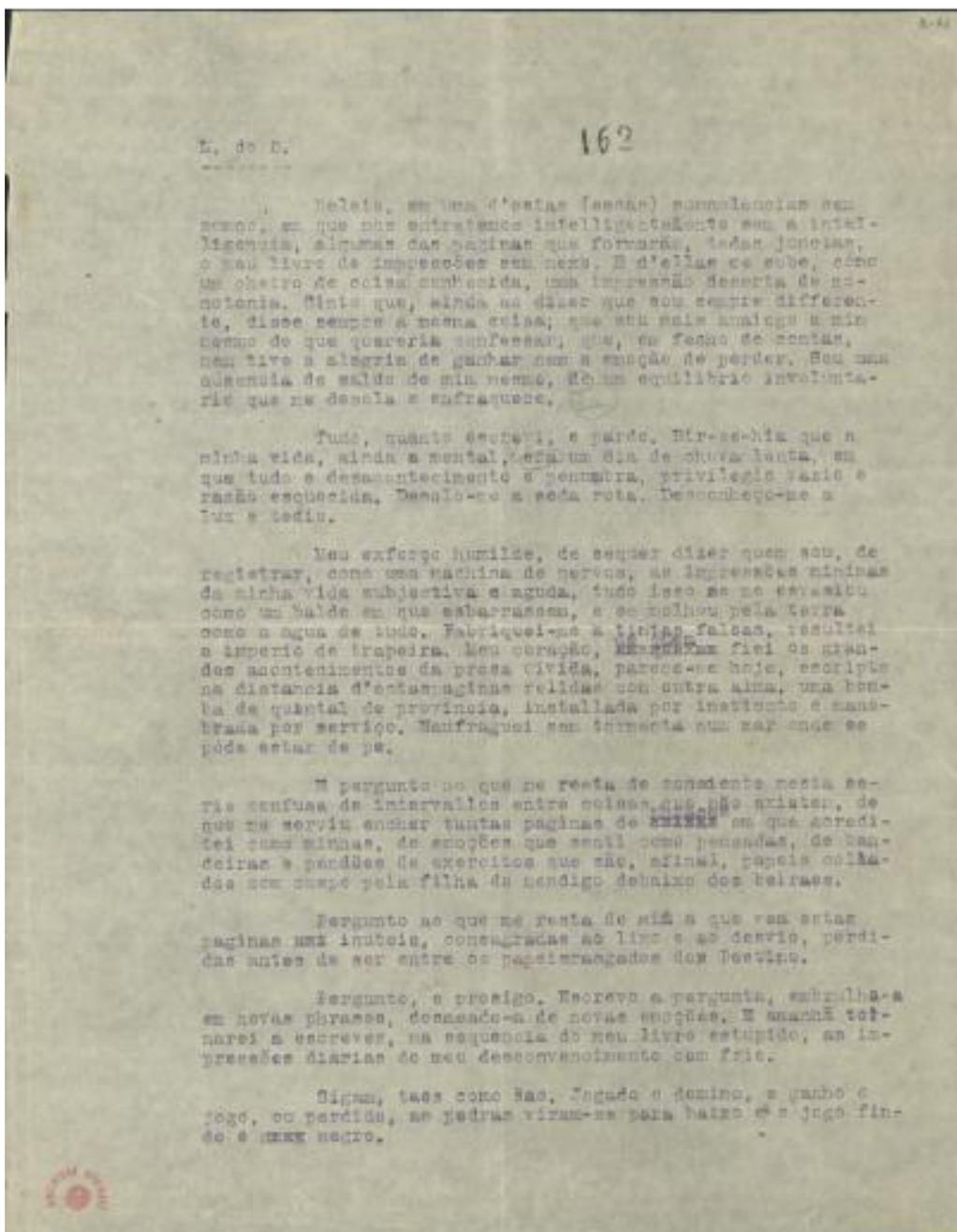
## ANEXO II

(Corresponde ao manuscrito do fragmento 321 do *Livro do Desassossego* editado por Jerónimo Pizarro em 2016) (PORTELA; SILVA, 2017).



## ANEXO III

(Corresponde ao manuscrito do fragmento 303 do *Livro do Desassossego* editado por Jerónimo Pizarro em 2016) (PORTELA; SILVA, 2017).



## ANEXO IV

(Corresponde ao manuscrito do fragmento 321 do *Livro do Desassossego* editado por Jerónimo Pizarro em 2016) (PORTELA; SILVA, 2017).

